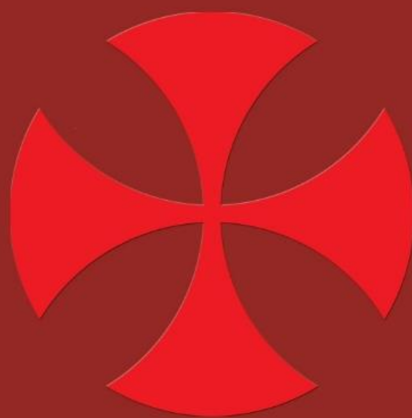
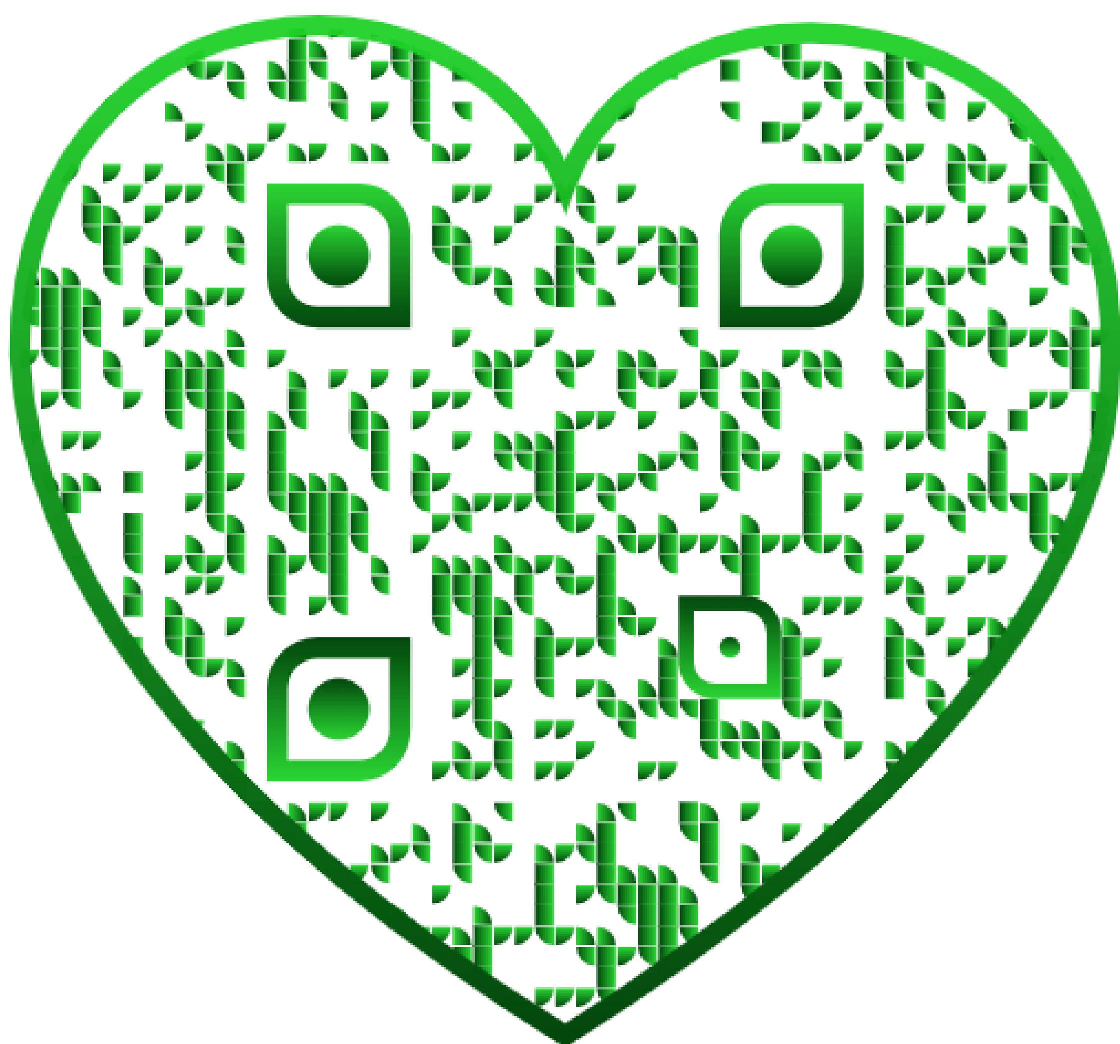


Sociedade das Ciências Antigas

A Pedra Filosofal: Provas Irrefutáveis de sua Existência

Papus



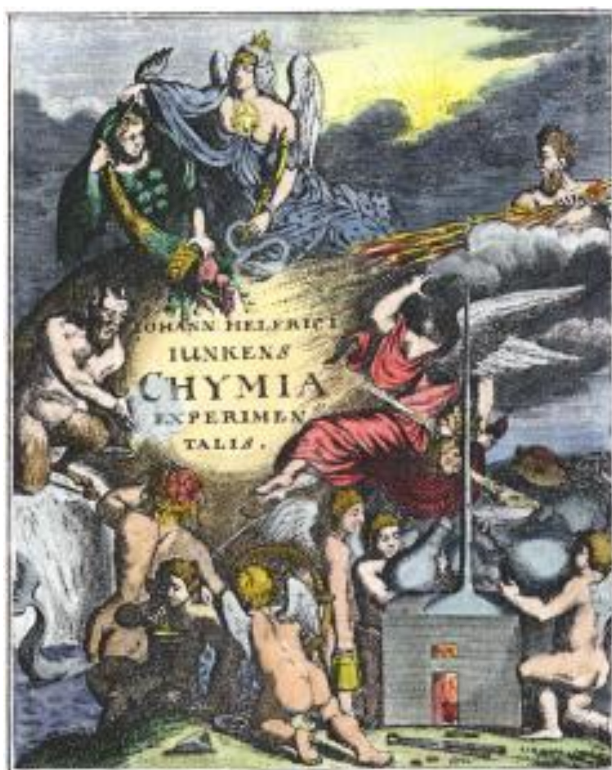


Sociedade das Ciências Antigas

A PEDRA FILOSOFAL
PROVAS IRREFUTÁVEIS DE SUA EXISTÊNCIA

POR

PAPUS



TÍTULO ORIGINAL:
PAPUS, LA PIERRE PHILOSOPHALE,
PREUVES IRREFUTABLES DE SON EXISTENCE

PARIS, ED. CARRE – 1889

SUMÁRIO

CAPITULO I 3
O OCULTISMO E A ALQUIMIA 3
CAPITULO II 5
O QUE É A PEDRA FILOSOFAL? 5
CAPITULO III 6
A FABRICAÇÃO DA PEDRA FILOSOFAL E SUAS DIFERENTES CORES 6
CAPITULO IV 7
UMA EXPLICAÇÃO SOBRE TEXTOS ALQUÍMICOS 7
CAPITULO V 8
A QUÍMICA MODERNA E A PEDRA FILOSOFAL 8
CAPITULO VI 9
A PEDRA FILOSOFAL: PROVAS DA SUA EXISTÊNCIA 9
CAPITULO VII 11
A VALIDADE DA PEDRA FILOSOFAL 11
CAPITULO VIII 13
A TÁBUA DE ESMERALDA, DE HERMES TRISMEGISTO, E SUA EXPLICAÇÃO PASSO A PASSO 13
CAPITULO IX 17
PRIMEIRA OPERAÇÃO: MERCÚRIO DOS FILÓSOFOS 17
CAPITULO X 19
SEGUNDA OPERAÇÃO: CONFECÇÃO DO ENXOFRE 19
CAPÍTULO XI 21
TERCEIRA OPERAÇÃO: CONJUNÇÃO DO ENXOFRE COM O MERCÚRIO DOS FILÓSOFOS 21
CAPÍTULO XII 23
AS MULTIPLICAÇÕES 23
CAPÍTULO XIII 23
O VERDADEIRO ALQUIMISTA 23
CAPÍTULO XIV 25
VESTÍGIOS DA ALQUIMIA NA ÉPOCA ATUAL 25
CAPÍTULO XV 25
UM ALQUIMISTA PRÁTICO 25
CAPÍTULO XVI 26
COMO ESTUDAR ALQUIMIA E CONCLUSÃO 26
CONCLUSÃO 27
INFORMAÇÃO SUCINTA SOBRE ALQUIMISTAS E ESTUDIOSOS MENCIONADOS NESTA OBRA 27

CAPITULO I

O OCULTISMO E A ALQUIMIA

É comum a opinião de que a Alquimia é uma arte falsa, cujo propósito é fabricar ouro de maneira artificial, e que na Idade Média levou muita gente crédula à ruína.

Em primeiro lugar, uma questão se apresenta, e consiste em saber como se deve considerar a Alquimia, sob o ponto de vista da Ciência Oculta. Para isso, omitiremos os comentários e declarações relacionados com a Alquimia, que aparecem em certas Enciclopédias da atualidade, e nos referiremos somente àqueles que consideram os alquimistas como *mestres* em sua ciência. Por exemplo, tomemos a obra de Raimundo Lulio. O que encontramos nela? Nada além das regras desta

arte especial, considerada como a única preocupação dos alquimistas. Com efeito, em toda obra séria, na qual se faça referência à filosofia hermética, encontraremos o seguinte:

1. Uma filosofia profunda que serve de base a uma síntese natural, a qual tem como ponto de partida, a teoria da evolução exposta até suas últimas conseqüências, e a teoria da unidade da substância e do plano (por fim, o axioma alquímico que diz: “Tudo está em tudo”).

2. Uma criteriosa aplicação dos princípios da Cabala hebraica, vinculados com a tradição egípcia e gnóstica.

3. Numerosas práticas de caráter físico, químico e biológico que apóiam essas teorias.

Em tais circunstâncias, quando só o que se quer ver na Alquimia são práticas de natureza química, o que se faz é mutilar, de modo por demais indigno, um ensinamento completo cuja prática basta para justificar sua teoria científica. Um alquimista verdadeiro era, pois, ao mesmo tempo, médico, astrônomo e astrólogo, filósofo, cabalista e químico. Ademais, os estudos eram muito sérios e prolongados, e eram transmitidos mediante iniciação, pelo mestre, a um ou dois discípulos diletos, ocultando-os cuidadosamente dos profanos. Juntamente com aqueles sábios – verdadeiros filósofos herméticos – aparecem os charlatães ignorantes, cujo único propósito era adquirir riquezas materiais. A única coisa que conseguiram fazer sempre foi desacreditar a Alquimia. Por isso, vários milhares de livros escritos em francês, que se encontram em nossas bibliotecas sob o título de “Filosofia Hermética”, contêm o seguinte:

1. Tratados de história natural;
2. Tratados de física e química correntes;
3. Tratados de Alquimia propriamente dita, ou de preparação da Pedra Filosofal;
4. Tratados de Filosofia e Cabala, ou de Astrologia e;
5. Espécies de enciclopédias, que são um conglomerado de todos os gêneros.

Esta observação permite comprovar que a tradição esotérica está representada, em todas as suas vertentes, pela Filosofia Hermética. Como aconteceu a transmissão desta tradição do Egito ao Ocidente é o que vamos ver. O estudo daqueles que são depositários do Esoterismo nos permitiu comprovar que os essênios por um lado, e os gnósticos por outro, foram os únicos que guardaram as chaves da Ciência Oculta.

Os essênios, assentados na Palestina, afastados de toda atividade política, fundaram muitas sociedades secretas. Os gnósticos, ao contrário, procuraram difundir seus ensinamentos por todas as partes. Sob a liberdade concedida às faculdades regionais, para que divulgassem os ensinamentos esotéricos, foram escritos muitos tratados sobre as práticas da Ciência Oculta, segundo as tradições da Universidade egípcia propriamente dita.

Esses tratados, cuja redação remonta efetivamente ao século II de nossa era, tinham como finalidade fundamentar a memória e inclinar-se à transmissão oral. Havia dois grandes tipos de tratados:

1. Os que se ocupavam do mundo invisível, da alma e seus poderes, ou seja, da *Psicurgia* e;

2. Os que se ocupavam da aplicação dos poderes da alma na Natureza, ou seja, da *Teurgia* e da *Alquimia*.

Dos primeiros, que são principalmente os filósofos, possuímos alguns fragmentos, de cuja tradução se ocupou inteiramente o estudioso Louis Ménard[1]. Dos segundos, possuímos uma enorme

[1] “Hermès Trismégiste”, de Louis Ménard, em 1 volume.

quantidade de tratados, aos quais de pode chamar apropriadamente de obras de Alquimia. Acredita-se, de maneira geral e coincidente, que a parte prática do Ocultismo chegou à Europa por meio dos árabes. Eles introduziram na Europa as ciências (que eles tinham recebido dos gnósticos que estavam no Egito) muito tempo depois da introdução da Gnose. Bem, a Gnose possuía uma parte mágica. Recordemos os milagres de Apolônio de Tiana, de Simão o Mago e de outros gnósticos célebres, e descobriremos a verdadeira origem desta Filosofia Hermética (origem esta que, à primeira vista, parece tão nebulosa). A Alquimia representa, pois, a via de transmissão da Ciência Oculta no Ocidente. Por esta razão, agora nos ocuparemos dos trabalhos e teorias dos que se intitulam "filhos de Hermes". A seguir, e de maneira sucessiva, veremos o seguinte:

1. O propósito exotérico dos alquimistas. A Pedra Filosofal. Sua realidade e o que se pode dizer sobre seu preparo.

2. Os textos sobre os quais os alquimistas baseiam suas opiniões filosóficas. A Tábua de Esmeralda e suas aplicações.

3. A explicação das histórias simbólicas que é possível encontrar nos textos de Alquimia.

4. Como exemplo destas aplicações, faremos extensos comentários sobre a preparação da Pedra Filosofal, segundo um texto de estilo simbólico, do século XIX, pertencente a Cyliani (do ano de 1837).

5. Finalmente, falaremos da Alquimia de nossa época e de seus atuais cultores.

CAPITULO II

O QUE É A PEDRA FILOSOFAL?

O quê se entende por Pedra Filosofal? Esta questão, apesar de ser tão simples à primeira vista, é bastante difícil de resolver. Recorramos a dicionários sérios e leiamos as ponderadas recopilações feitas por uns poucos "sábios" que se dignaram estudar esse tema. A conclusão é bastante fácil de expor.

Pedra Filosofal, transmutação de metais
igual a
Ignorância, Engano e Loucura.

Como resultado disto, se refletirmos que, em suma, para falar de *tecidos* mais vale recorrer a quem os comercia do que a um doutor em literatura, talvez nos ocorra estabelecer o que é que pensam os alquimistas, acerca da questão que nos ocupa.

Agora, em meio às consentidas obscuridades e os numerosos símbolos que enchem seus tratados, há um ponto em que todos estão de acordo: o que se refere à definição e às qualidades da Pedra Filosofal. A Pedra Filosofal perfeita é um pó vermelho que tem a propriedade de transformar todas as impurezas da Natureza.

Geralmente se acredita que a Pedra só pode servir, segundo os alquimistas, para transformar o chumbo ou o mercúrio em ouro. Isto é um erro. A teoria alquímica deriva de fontes por demais especulativas para poder colocar desse modo seus efeitos. Posto que a evolução é uma das grandes leis da Natureza, tal como o Hermetismo ensina, a Pedra Filosofal faz *evoluir* rapidamente aquilo que as formas naturais demoram longos anos para produzir e, por esta razão, os adeptos dizem que ela age tanto sobre os reinos vegetal e animal como sobre o mineral, e bem se pode chamá-la de

remédio dos três reinos. A Pedra Filosofal é um pó que pode adotar muitas cores diferentes, segundo seu grau de perfeição, mas que, na prática, só possui duas: a branca e a vermelha.

A verdadeira Pedra Filosofal é *vermelha*. Esse pó vermelho possui três virtudes:

1. Transforma em ouro o mercúrio e o chumbo em fusão, sobre os quais se deposita uma polvilhada. (Digo em *ouro*, e não “num metal” que se aproxime mais ou menos, como acreditava, ignoro o por quê, um sábio contemporâneo).[2]

2. Constitui um enérgico depurativo do sangue e, quando é ingerido, cura qualquer enfermidade; e

3. Também atua sobre as plantas e as faz crescer, amadurecer e dar frutos em algumas horas.

Estes três pontos parecerão muito fabulosos para muitos, mas todos os alquimistas estão de acordo sobre isso. Ademais, basta refletir para perceber que estas três propriedades formam uma só: *fortalecimento da vitalidade*.

A Pedra Filosofal é, pois, simplesmente energia Vital condensada[3] numa pequena quantidade de matéria. Age sobre o corpo com o qual entra em contato, como se fosse levedura. Um pouco de levedura é suficiente para que uma massa de pão se “*eleve*” e cresça. Da mesma forma, basta um pouco de Pedra Filosofal para fazer crescer a vida contida em qualquer matéria, seja mineral, vegetal ou animal. Por esta razão, os alquimistas denominam a sua Pedra: *remédio dos três reinos*.

Agora sabemos o bastante sobre o que é a Pedra Filosofal. Assim poderemos entender sua descrição, num relato de caráter simbólico e ali, nossas ambições deverão ter um limite.

CAPITULO III

A FABRICAÇÃO DA PEDRA FILOSOFAL E SUAS DIFERENTES CORES

Vejamos agora como se fabrica a Pedra Filosofal. Descreveremos as operações essenciais: extrair do mercúrio comum e corrente um fermento especial, ao qual os alquimistas denominam *Mercúrio dos filósofos*. Fazer agir esse fermento sobre a prata a fim de obter, igualmente, um fermento. Fazer agir o fermento do mercúrio sobre o ouro, a fim de obter também, um fermento.

Combinar o fermento que se obteve do ouro com o fermento que se obteve da prata e o fermento mercurial num *matraz* (Balão de vidro, geralmente de fundo chato, usado em operações químicas), de vidro verde, muito sólido e de forma oval, tampar hermeticamente esse recipiente e colocá-lo para cozinhar num forno especial, que os alquimistas chamam de *atanor*. A única diferença entre o atanor e os demais fornos é que, por sua estrutura, permite animar durante longo tempo e de uma maneira especial a combinação explicada.

É então (durante esta cocção), e somente então que se produzem certas cores sobre as quais se baseiam todos os comentários alquímicos. A matéria que esse “ovo” contém se torna primeiramente negra e se petrifica em sua totalidade. Esse estado se designa com o nome de *cabeça de corpo*. De repente, a partir dessa cor negra, aparece uma cor branca brilhante. Essa passagem, do negro ao branco, da escuridão à luz, é uma excelente pedra de toque para reconhecer uma história simbólica que trata da Alquimia. A matéria assim “fixa” serve para transmutar os metais impuros (chumbo ou mercúrio) em prata.

---

[2] Marcellin Pierre Eugène Erthelot
[3] Conforme “Traité Méthodique de Science Occulte” (Tratado Metódico de Ciência Oculta), do autor.

Se o fogo é mantido, então se vê como essa cor branca desaparece pouco a pouco e a matéria adquire diversas tonalidades, desde as cores inferiores do espectro (azul, verde) até as cores superiores (amarelo, alaranjado) e, finalmente, chega à cor vermelho rubi. Então a Pedra Filosofal está quase terminada. Disse "quase" terminada, pois, neste estado, *dez gramas* de Pedra Filosofal não transmutam mais do que *vinte gramas* de metal. A fim de aperfeiçoar a Pedra, há que introduzi-la num *matraz* com um pouco de *Mercúrio dos filósofos*, e começar a aquecê-lo.

A operação original, que requereu um ano, agora não exige mais do que três meses. Então, as cores reaparecem na mesma ordem que da primeira vez. Neste estado, a Pedra transmuta em ouro *dez vezes* seu peso. Então, deve-se recomeçar a operação que desta vez dura somente um mês, e a Pedra transmuta *mil vezes* seu peso de metal. Por último, realiza-se a operação final e se obtém a verdadeira Pedra Filosofal perfeita, que transmuta *dez mil vezes* seu peso de metal, em ouro puro. Estas operações são conhecidas pelo nome de *multiplicação da Pedra*.

CAPITULO IV

UMA EXPLICAÇÃO SOBRE TEXTOS ALQUÍMICOS

Quando se lê um texto escrito por um alquimista, é preciso estabelecer a que operação ele está se referindo:

1. Se fala sobre a fabricação do Mercúrio dos filósofos, então, com segurança resultará ininteligível para o profano;

2. Fala-se da fabricação da Pedra propriamente dita, então o alquimista falará com clareza;

3. Se se refere à multiplicação, então será absolutamente claro.

Em posse desses dados, o leitor pode consultar a obra de Guillaume Louis Figuier, intitulada "*A Alquimia e os alquimistas*", e se não lhe desgosta a diversão, ler as primeiras cinqüenta páginas. Então, lhe será fácil decifrar o sentido dos relatos simbólicos que parecem tão obscuros para esse autor e que o fazem aventurar-se em tão divertidas explicações. Vem a calhar, como prova disso, o seguinte relato que ele considera incompreensível:

"*Há que começar ao pôr-do-sol, enquanto o marido Vermelho e a esposa Branca se unem no espírito da vida para viver no amor e na tranqüilidade, na proporção exata da água e da terra*".

Eis aqui sua interpretação:

Põe-se no matraz, de forma oval, dois fermentos a saber, o ativo ou Vermelho e o passivo ou Branco.

Também lemos o seguinte:

"*Adianta-te do Ocidente, através das trevas, até o Setentrião*" (as regiões do Norte, pólo Norte).

Esta é a interpretação:

Os diversos graus do fogo.

Também nos deparamos com isto:

"*Altera e dissolve o marido entre o inverno e a primavera, transforma a água numa terra negra, e eleva-te através das variadas cores até o Oriente, no qual se mostra a Lua Cheia. Depois do Purgatório, aparece o sol branco e radiante*".

A interpretação é:

Cabeça de corpo, cores da Obra.

Quando estudamos um relato simbólico, devemos buscar sempre o sentido hermético oculto que ele, quase com certeza, encerra. Posto que a Natureza é idêntica em qualquer lugar, o mesmo relato, que expressa os mistérios da Grande Obra, poderá significar tanto o curso do Sol (mitos solares) como a vida de um herói fabuloso.

Somente o iniciado se encontrará, pois, em condições de captar o *terceiro sentido* (hermético) dos mitos da antiguidade[4], enquanto que o sábio só verá neles os *primeiro e segundo sentidos* (físico e natural: o curso do Sol, o Zodíaco, etc) e o leigo compreenderá somente o *primeiro sentido* (o relato relacionado com o herói). Deste ponto de vista são célebres, entre os alquimistas, as aventuras de Vênus, Vulcano e Marte[5].

De acordo com tudo o que foi dito, está claro que, para preparar a Pedra Filosofal, é necessário tempo e paciência. Falando em termos alquímicos, quem não eliminou de si mesmo o desejo[6] do ouro, jamais será rico. Para convencer-se disso, basta ler as biografias dos alquimistas do século XIX: Cyliani[7] e Louis Paul François Cambriel[8].

Em seu aspecto físico, a Pedra Filosofal será, pois, um pó vermelho de consistência bastante parecida à do cloreto de ouro, e seu odor é o de um sal marinho calcinado. Em seu aspecto químico, trata-se simplesmente de um incremento da densidade, se admitirmos a unidade da matéria, idéia esta que conta com considerável apoio por parte dos filósofos químicos contemporâneos. Efetivamente, o problema que se deve resolver consiste em transformar um corpo cuja densidade é de 13,6, como é o do mercúrio, num corpo cuja densidade é de 19,5, como é o do ouro. Esta hipótese da *transmutação* discorda das mais recentes novidades da química?

Isto é o que agora trataremos de explicar.

CAPITULO V

A QUÍMICA MODERNA E A PEDRA FILOSOFAL

São dois os químicos quem, em nossa época, impulsionaram suas investigações pelo obscuro campo da Alquimia.

Um deles é Guillaume Louis Figuier que, em 1853, publicou "*A Alquimia e os Alquimistas*", obra da qual teremos oportunidade de falar. O outro é o professor Marcelin Pierre Eugène Berthelot, membro do Instituto, que publicou, em 1885, "*As Origens da Alquimia*".

---

[4] "Fastes initiatiques, La Maçonerie occulte", de Joseph Marie Ragon.
[5] Idem ao anterior.
[6] Ver o admirável tratado intitulado "Luz no caminho", de Mabel Collins, Editora Pensamento
[7] "Hermes revelado", ver no final deste estudo.
[8] "Curso de Alquimia em 19 lições".

Estes dois sábios da ciência oficial, especialmente o último, têm autoridade nesta matéria e sua opinião merece ser analisada por toda pessoa criteriosa. Ambos consideram que, tanto a Alquimia como o que ela propõe, são belos sonhos, dignos de épocas passadas, e negam formalmente a existência da Pedra Filosofal (ainda que Figuier prove, sem sabê-lo, a sua existência). No entanto, declaram que, *cientificamente*, a questão não pode ser negada, *a priori*.

É Figuier quem diz:

"*No estado atual de nossos conhecimentos, não se pode provar de maneira absolutamente rigorosa que a transmutação dos metais seja impossível. Algumas circunstâncias se opõem a que o ponto de vista alquímico seja rechaçado como um absurdo, em contradição com os fatos*".

Em muitas passagens de seu livro, Berthelot mostra que, longe de opor-se à química contemporânea, a teoria dos alquimistas tende, ao contrário, a substituir hoje em dia o que antes se pensava dessa filosofia.

Eis aqui alguns parágrafos que abonam esta opinião:

"*Através das explicações de caráter místico e dos símbolos com os quais os alquimistas se envolvem, podemos entrever as teorias essenciais de sua filosofia. Essas teorias se reduzem, em suma, a uma pequena quantidade de idéias claras e plausíveis, algumas das quais oferecem uma analogia alheia aos conceitos de nosso tempo*".

Também diz:

"*Por que não poderíamos formar o enxofre com o oxigênio ou formar o selênio e o telúrio com o enxofre, através de procedimentos convenientes de condensação? Porque o telúrio e o selênio não poderiam transforma-se, de maneira inversa, em enxofre, e este, por sua vez, metamorfosear-se em oxigênio? Com efeito, a priori, nada se opõe a isto*".

E conclui dizendo:

"*Repito, nada pode ser afirmado, com certeza, no sentido de que a fabricação de corpos simples, a priori, seja impossível...*"

Tudo isto é suficiente para mostrar que a Pedra Filosofal não é algo fatalmente impossível, segundo o critério de sábios contemporâneos. O que agora devemos averiguar é se temos provas positivas de que a Pedra Filosofal existe.

CAPITULO VI

A PEDRA FILOSOFAL: PROVAS DA SUA EXISTÊNCIA

Afirmamos que há provas irrefutáveis de que a Pedra Filosofal existe, e passaremos a expor os fatos sobre os quais baseamos nossas convicções.

Dissemos "os fatos", pois o que se demonstra através de raciocínios mais ou menos sólidos, pode ser considerado absolutamente sério. No campo da história, o que se afirma sobre o passado costuma ser fácil de ser comprovado hoje e, por isso, verdadeiramente irrefutável. Agora, vamos expor os argumentos invocados pelos adversários da Alquimia, contra a transmutação. Estes são os *fatos* que, por si sós, poderão refutar vitoriosamente cada uma dessas objeções.

Coube ao mais velho dos irmãos Geoffroy encarregar-se, em 1772, de efetuar o processo dos alquimistas diante da Academia. Se dermos crédito ao memorial que ele apresentou, os numerosos casos de transmutação, sobre os quais os adeptos baseiam sua fé, podem ser explicados facilmente como fraudes. Filósofos irrepreensíveis, como Paracelso e Raimundo Lulio, deixariam de lado, por um momento, as especulações abstratas para escamotear astutamente diante de pessoas crédulas e abobadas. No entanto, analisemos os meios para enganar, dos quais eles disporiam, e procuremos estabelecer condições experimentais, que anulem tais argumentos.

Segundo Geoffroy, os alquimistas se valem dos seguintes elementos, para enganar os assistentes:

1. Crisóis de fundo duplo;
2. Carbonos (ou varinhas ocas), previamente recheadas com ouro em pó; e
3. Reações químicas desconhecidas naquele tempo, e perfeitamente conhecidas hoje em dia.

A fim de que se concretize uma dessas condições, é necessário que o alquimista esteja presente na operação ou que tenha tido contato, de antemão, com os instrumentos empregados. Portanto, a primeira e imprescindível condição, para determinar experimentalmente uma transmutação, é que o alquimista esteja ausente. Além disso, será preciso que não tenha colocado suas mãos em nenhum objeto que sirva para essa transmutação. E, para responder ao último argumento, é indispensável que as premissas fundamentais da química contemporânea sejam incapazes de explicar normalmente o resultado obtido. Para que nosso trabalho encontre uma prova mais sólida ainda, é preciso que seja o próprio leitor quem possa controlar com facilidade tudo o que sustentamos. Por esse motivo, extrairemos nossos argumentos de uma única obra: “*A Alquimia e os Alquimistas*”, do já citado Figuier. Antes de prosseguir, recordemos as condições mais essenciais:

1. *Ausência do alquimista;*
2. *Que não tenha tocado nada do que o operador utilize;*
3. *Que o fato não possa ser explicado pela química contemporânea.*

Inclusive podemos adicionar uma outra condição:

4. *Que o operador não possa ser suspeito de cumplicidade*.

Abramos o livro de Figuier, edição de 1854, capítulo III, na página 206. Ali não encontramos um só fato, mas três! que respondem a *todas as nossas condições* e que vamos comentar, um a um. O operador não só não é alquimista, mas é um sábio respeitado e um inimigo declarado da Alquimia: isto corresponde, com mais força ainda, à nossa quarta condição. Falemos, em primeiro lugar, de Helvetius e de sua transmutação. Citemos textualmente Figuier:

“Johann Frederick Schweitzer (1625 – 1709), conhecido pelo nome latino de Helvetius, era um dos adversários mais acirrados da Alquimia e tinha alcançado notoriedade por um texto contra o “pó simpático” (*sympathetic powder*) de Sir Kenelm Digby (1603 – 1665). Em 27 de dezembro de 1666, recebeu em Haia, a visita de um estranho, vestido como um homem comum do norte da Holanda, que se negou, obstinadamente, a dizer-lhe seu nome. O estrangeiro disse a Helvetius que, inteirado de sua disputa com Sir Digby, vinha para dar-lhe provas concretas de que a Pedra Filosofal realmente existia. Numa longa conversa, o adepto defendeu os princípios herméticos e, para dissipar as dúvidas de seu adversário, mostrou-lhe a Pedra Filosofal: estava numa caixinha de marfim e era um pó metálico cuja cor era a mesma do enxofre. Helvetius insistiu para que o desconhecido demonstrasse as virtudes de seu “pó”, mas o alquimista se negou e se foi, não sem antes prometer que retornaria três semanas depois.

Enquanto conversava com esse homem e examinava a Pedra Filosofal, Helvetius raspou-a para separar, com a unha, algumas partículas. Quando só, tentou pôr à prova as supostas virtudes dessas

partículas. Fundiu chumbo num crisol e fez a projeção. No entanto, tudo se dissipou numa fumarada e só o que restou no crisol, foi um pouco de chumbo e terra vitrificada.

Helvetius pensou que aquele homem era um impostor, e teria esquecido o ocorrido se, três semanas depois, e no dia assinalado, o estrangeiro não tivesse reaparecido. Negou-se a fazer ele mesmo a operação, mas cedendo aos rogos de Helvetius, deu-lhe um pouco de sua "Pedra", cuja espessura era de apenas a de um grão de milho. E como Helvetius expressou seus temores de que tão pequena quantidade de substância careceria de qualquer propriedade, o alquimista, considerando que até mesmo esse presente era muito dispendioso, retirou a metade e lhe disse que o que restava era suficiente para transmutar algo em torno de uma onça e meia de chumbo. Ao mesmo tempo, tratou de informar-lhe sobre as precauções que deveria ter para que a Obra tivesse êxito e, sobretudo, recomendou que, no momento da projeção, recobrisse a Pedra Filosofal com um pouco de cera para protegê-la da fumaça do chumbo. Nesse instante, Helvetius compreendeu por que tinha fracassado em seu intento de transmutação: não tinha recoberto a Pedra com cera e tinha sido descuidado com uma precaução que era indispensável. O estranho prometeu regressar na segunda-feira seguinte para assistir à experiência.

Na segunda-feira, Helvetius aguardou inutilmente. Assim passou todo o dia, sem que ninguém aparecesse. Ao anoitecer, a esposa de Helvetius, incapaz de conter sua impaciência, convenceu-o a tentar a operação sozinho. Então, ele o fez, na presença de sua esposa e de seus filhos. Fundiu uma onça e meia de chumbo, projetou sobre o metal fundido a Pedra recoberta de cera, tampou convenientemente o crisol e o deixou exposto à ação do fogo durante um quatro de hora. Ao cabo desse tempo, o metal tinha adquirido uma bela cor verde: era ouro fundido que, coado e resfriado, adquiriu uma esplêndida cor amarela.

"Todos os ourives de Haia estimaram como muito alto o valor desse ouro. Povelius, avaliador das moedas da Holanda, submeteu-o sete vezes à prova do antimônio sem que seu peso diminuísse."

Foi assim que Helvetius narrou esta aventura. Os termos e pormenores precisos de seu relato excluem toda suspeita de impostura de sua parte. Este fato maravilhou-o de tal maneira, que escreveu seu "*Vitulus aureus*" (Haia, 1667, obra reproduzida no "*Museum Hermeticum Reformatum*" Francfurt, 1678, e "*The Hermetic Museum Restored and Enlarged*", Londres, 1893). Assim ele narrou o ocorrido e saiu em defesa da Alquimia.

CAPITULO VII

A VALIDADE DA PEDRA FILOSOFAL

O já exposto satisfaz a todas as condições requeridas. No entanto, Figuier, sabedor de quão difícil é compreender, incluiu algumas explicações, numa edição posterior de sua obra (1860). Desejoso de encontrar por toda a parte, *a priori*, a existência de fraude, este foi o principal argumento que lhe ocorreu: *o alquimista contratou um cúmplice, o qual introduziu nos crisóis de Helvetius um composto de ouro, de fácil decomposição com o calor.*

É necessário demonstrar a ingenuidade desta objeção?

1. Como haveria de escolher exatamente o crisol que Helvetius usaria?
2. Como pensar que ele fosse tão tolo para não diferenciar um crisol vazio de um cheio, ou seja, uma aleação de um metal puro?
3. Porque não ter o trabalho de reler o relato dos fatos? Então, Figuier teria percebido duas questões importantes: Em primeiro lugar, a seguinte frase: *tomou uma onça e meia de chumbo*. Isto indica que a pesou, a manipulou e esteve em condições de verificar facilmente se era chumbo mesmo;

4. Em seguida, este pormenor: *tampou convenientemente seu crisol*, o que impede toda evaporação posterior;
5. Ainda que suponhamos, inclusive, que Helvetius foi realmente enganado e que, sendo um experimentado sábio, confundiu ouro com chumbo, a prova da transmutação não está menos evidente, pois os críticos esquecem sempre o seguinte fato: Se existe uma aleação que oculta em si o ouro, então, depois da evaporação e oxidação, pesará *muito menos* que o metal inicialmente empregado. Ao contrário, se de alguma forma agregou-se ouro, o lingote pesará muito mais que o metal inicialmente empregado.

A transmutação de Claude Guillmermet de Bérigard (ou Beauregard), de Pisa (1578 ? – 1664), que comentaremos mais adiante, prova irrefutavelmente a nulidade de tais argumentações. Finalmente, para destruir para sempre o que Figuier afirma, basta assinalar que tanto os ourives de Haia, como o avaliador das moedas da Holanda, comprovam a pureza absoluta daquele ouro, o que seria impossível se tivesse havido qualquer aleação (Por aleação se entende a união íntima e homogênea de dois ou mais elementos, sendo ao menos um deles um metal.)

Aqui, cai por seu próprio peso, a explicação que a critica dá a este fato: "*Na atualidade só podemos explicar esses fatos admitindo que o mercúrio e o crisol utilizados ocultavam certa quantidade de ouro, dissimulada com uma habilidade maravilhosa*".

Dissemos que *só um fato* plenamente comprovado bastava para demonstrar a existência da Pedra Filosofal. No entanto, são três os fatos sujeitos às mesmas condições. Vejamos os outros dois:

Isto é o que relata Bérigard de Pisa, citado pelo próprio Figuier:

"Contarei o que outrora me aconteceu, quando eu tinha muitíssimas dúvidas de que o mercúrio pudesse converter-se em ouro. Um homem hábil, desejoso de tirar-me essas dúvidas, deu-me uma porção de pó cuja cor era bastante parecida com a da papoula silvestre, e cujo odor era o do sal marinho calcinado. Para destruir toda suposição de fraude, eu mesmo comprei o crisol, o carvão e o mercúrio de diferentes comerciantes, a fim de que por nada do mundo pudesse haver ouro em qualquer desses elementos (pois isto é feito freqüentemente pelos que transformam a Alquimia num embuste). Juntei um pouco de pó a dez medidas de mercúrio, expus tudo a um fogo bastante forte e, em pouco tempo, toda a massa se transformou em quase dez medidas de ouro. Diversos ourives puseram-no à prova e reconheceram que era ouro puríssimo. Se este fato me tivesse ocorrido sem testemunhas, sem a presença de árbitros estrangeiros, eu teria podido supor a existência de alguma fraude. No entanto, posso assegurar com confiança, que o fato ocorreu tal como eu o conto".

Aqui, quem realiza essa operação é um sábio, mas que conhece os truques dos fraudadores e, para evitá-los, emprega todas as precauções imagináveis. Finalmente, citemos também a transmutação efetuada por François-Mercurie van Helmont (1618 – 1699), em seu laboratório de Vilvorde, perto de Bruxelas. Van Helmont recebeu de um desconhecido um quarto de grão de Pedra Filosofal. Foi enviado por um adepto que, ao descobrir o segredo, desejava convencer de sua realidade o ilustre sábio, cujos trabalhos honravam sua época. O próprio van Helmont levou a cabo essa experiência, sozinho em seu laboratório. Com o quarto de grão de pó, que recebeu do desconhecido, transformou oito onças de mercúrio em ouro. Há que convir que esse fato era um argumento quase irrefutável que se poderia invocar em favor da existência da Pedra Filosofal. Era difícil enganar Van Helmont, o químico mais hábil de seu tempo. Ele próprio era incapaz de qualquer impostura e não tinha interesse algum em mentir, pois jamais se aproveitou do que observou.

Por fim, visto que a experiência teve lugar fora da presença do alquimista, é difícil compreender como poderia realizar-se a fraude. Van Helmont ficou tão convencido do fato que passou a ser visto como partidário da Alquimia. Em honra dessa aventura, deu a seu filho recém-nascido, o nome de *Mercurios*. Ao menos este Mercurios Helmont não desmentiu seu batismo alquímico. Fez com que

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 – 1716) compartilhasse seu modo de pensar. Durante toda sua vida buscou a Pedra Filosofal. É verdade que não a encontrou, mas difundiu fervorosamente seus conhecimentos.

Retomemos, agora, esses três relatos e comprovaremos que satisfazem às condições científicas expostas. Na verdade, o mercúrio e o chumbo continham ouro? Não creio, levando em conta:

1. Que nem Helvetius, nem van Helmont, nem Bérigard de Pisa acreditavam na Alquimia;
2. Que em nenhum caso o alquimista tocou os objetos empregados;
3. Finalmente, na transmutação de Bérigard de Pisa, se o mercúrio contivesse ouro e esse ouro tivesse permanecido, depois de volatilizado o mercúrio, o lingote obtido teria pesado muito menos que o mercúrio empregado, o que não ocorreu.

Não se pode crer que, mesmo depois destes argumentos, ainda persista no mundo, pelo menos um argumento nada verdadeiro, por certo, mas muito perigoso:

Todos estes relatos extraídos de livros impressos, não são a obra dos autores que os assinam, mas de hábeis alquimistas impostores.

Certamente, estamos frente a uma objeção terrível, que parece destruir todo nosso trabalho. No entanto, a verdade ainda há de aparecer, vitoriosa. Com efeito, existe uma carta que pertence a uma terceira pessoa, tão eminente como as outras. Foi dirigida a Jarrig Jellis, pelo filósofo Baruch Spinoza (1632 – 1677). A carta prova, irrefutavelmente, que a experiência de Helvetius foi real. Eis aqui a passagem importante:

"*Depois de conversar com Voss sobre o assunto de Helvetius, riu-se de mim, assombrando-se de ver-me ocupado em tais bagatelas. Para assegurar-me da verdade, acudi ao moedeiro Brechtel. Este, que tinha posto à prova o ouro, assegurou-me que, durante a fusão, tinha aumentado ainda mais seu peso, quando lhe introduziu prata. Era preciso, pois, que esse ouro, que transformou a prata em ouro novo, fosse de um caráter muito particular. Não somente Brechtel, mas inclusive outras pessoas que tinham assistido à prova, me asseguraram que as coisas se passaram assim. Em seguida fui ver Helvetius e ele próprio me mostrou o ouro e o crisol que ainda continha um pouco de ouro grudado em suas paredes. Disse-me que tinha introduzido no chumbo fundido, Pedra Filosofal do tamanho de um quarto de grão de trigo. E disse-me que tornará esse fato conhecido no mundo inteiro. Parece que esse adepto já efetuou a mesma experiência em Amsterdã e ainda é possível encontrá-lo nessa cidade. Estas são todas as informações que pude obter sobre esse assunto*".

"Booburg, 27 de março de 1667.
Spinoza"
("*Opera posthuma*", página 553)

Tais são os fatos que criaram em mim esta convicção:

Há provas irrefutáveis de que a Pedra Filosofal existe, a menos que se negue para sempre o testemunho dos textos, da história e dos homens.

CAPITULO VIII

A TÁBUA DE ESMERALDA, DE HERMES TRISMEGISTO, E SUA EXPLICAÇÃO PASSO A PASSO

"É certo, sem mentira e muito verdadeiro.

O que está embaixo é como o que está em cima, e o que está em cima é como o que está embaixo para realizar os milagres da unidade.

E como todas as coisas provieram e provêm do Uno, assim todas as coisas nascem nesta coisa única por adaptação.

O sol é o pai, a lua é a mãe, o vento levou-o a seu ventre, a terra é sua nutriz, o pai de tudo, o Thelema de todo o mundo, está aqui sua força é total se se converte em terra.

Separarás a terra do fogo, o sutil do denso, suavemente, com grande diligência. Ascende da terra ao céu e descende diretamente à terra, e recebe a força das coisas inferiores e superiores. Por este meio terás toda a glória do Mundo e toda obscuridade se afastará de ti.

Esta é a força de toda força, pois ela vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida.

Assim foi criado o mundo.

Disto fará e surgirão inumeráveis adaptações, cujo meio está aqui.

Eis aqui por que me chamam Hermes Trismegisto, possuidor das três partes da filosofia do mundo.

O que disse sobre a operação do Sol se cumpriu e se consumou".

A Tábua de Esmeralda começa com uma trindade. Hermes afirma, assim, desde a primeira palavra, a Lei que rege toda a Natureza. Sabemos que o Ternário se reduz numa hierarquia cujo nome é: *os três Mundos*. Portanto, estas palavras nos apresentam, para que as estudemos, uma mesma coisa sob três aspectos diferentes. Esta "coisa" é a verdade e sua tríplice manifestação nos Três Mundos, ou seja: *É certo*: a Verdade sensível, correspondente ao Mundo Físico. Este é o aspecto que a Ciência contemporânea estuda. *Sem mentira*: O contrário do aspecto anterior. A verdade filosófica, a certeza correspondente ao Mundo metafísico ou moral. *Muito verdadeiro*: A união dos dois aspectos anteriores, isto é, a tese e a antítese para construir a síntese. A verdade compreensível, correspondente ao Mundo divino.

Pode-se ver que a explicação que dei sobre o número três encontra aqui uma brilhante aplicação. Mas continuemos, ordenemos em três blocos a frase seguinte:

O que está em cima
é como
o que está embaixo

{ e }

O que está embaixo
é como
o que está em cima

para realizar os milagres da unidade.

Desta maneira nos encontraremos novamente, a princípio, com dois Ternários, ou melhor, com um Ternário considerado sob dois aspectos, o *positivo* e o *negativo*:

alto
Positivo {análogo a
Baixo

baixo
Negativo {análogo a
alto

Reencontramos a aplicação do método da Ciência Oculta: a analogia. Hermes diz que o positivo (em cima) é análogo ao negativo (embaixo), e afirma muito bem que ambos são semelhantes. Finalmente, vemos a constituição do quatro, pela redução do três à unidade [9].

Para realizar os milagres da unidade.

Ou a constituição do sete, pela redução do seis (os dois Ternários) à unidade. Posto que o quatro e o sete expressam a mesma coisa[10], qualquer das duas aplicações pode-se efetuar, com certeza. Vejamos a explicação da segunda fase da explicação da primeira fase, e então teremos:

Que uma Verdade deve ser considerada, antes de tudo, em seu triplo aspecto: o físico, o metafísico e o espiritual.

Então, a este conhecimento pode-se aplicar o método analógico, o qual permitirá aprender as Leis.

Finalmente, há que reduzir à unidade a enorme quantidade de Leis pelo descobrimento do Princípio ou da Causa Primeira.

Em seguida, Hermes aborda o estudo das relações da multiplicidade com a unidade, ou da Criação com o Criador dizendo: "*E como todas as coisas provieram e provêm do Um, assim todas as coisas nascem nessa unidade por adaptação*".

Aqui está compendiado, em poucas palavras, o sagrado ensinamento sobre a criação do Mundo. A criação pela adaptação ou pelo quaternário, desenvolvida no *Sepher Yetzirah* [11] e nos dez primeiros capítulos do *Berasit* [12] de Moisés. A unidade, de que tudo deriva, é a Força universal cuja geração é descrita por Hermes:

O Sol (positivo)	é seu Pai,
A Lua (negativo)	é sua Mãe,
O Vento (receptor)	a levou em seu ventre,
A Terra (materialização e desenvolvimento)	é sua nutriz.

Esta "coisa" que ele chama *Thelema* (ou *Thelesma*: Vontade) é de tal importância que, mesmo correndo o risco de estender muito esta explicação, transcreverei o que pensam muitos autores sobre esse tema, centrado na *Luz Astral*.

"Existe um agente misto – natural e divino, corporal e espiritual - um dócil mediador universal, um receptáculo comum das vibrações do movimento e das imagens da forma, um fluido e uma força a que se poderia chamar, talvez, de "*a imaginação da Natureza*".

"Através dessa força, todos os sistemas nervosos se comunicam secretamente entre si. Dela nascem a simpatia e a antipatia, dela provêm os sonhos e por ela se produzem os fenômenos da "segunda vista" e a visão sobrenatural. Este agente universal das obras da Natureza, é o *od* dos hebreus e de Karl Louis Reichenbach (1788 - 1869), e é a *Luz Astral* dos martinistas".

"A existência e o possível uso desta força são o Grande Arcano da magia prática".

---

[9] Conforme "Traté Méthodique de Science Occulte", final do capítulo II, do autor
[10] Idem ao anterior.
[11] O autor traduziu este livro importante, publicou-o no n° 7 da Lótus (outubro de 1887) e o reproduziu em sua obra "Traité Méthodique de Science Occulte"; páginas 572 e seguintes.
[12] "La langue hébraique restituée", de Fabre d'Olivet.

"A *Luz Astral* imanta e aquece; ilumina e magnetiza; atrai e afasta; vivifica e destrói; coagula e separa; rompe e reúne todas as coisas sob o impulso de vontades potentes." ("*História da Magia*", de Eliphas Levi).

"Os quatro fluidos imponderáveis são apenas as diversas manifestações de um mesmo agente universal que é a luz" ("*A Chave dos Grandes Mistérios*"; de Eliphas Levi, página 207, edição de 1867).

"Falamos de uma substância que se expande no infinito. É a substância única que é céu e terra, ou seja, que segundo seus graus de polarização, é sutil ou fixa. Hermes Trismegisto a denomina o grande *Thelesma*. E é chamada de "luz" porque reproduz resplendor. Ao mesmo tempo, é substância e movimento, fluido e vibração perpétua" (idem ao anterior, página 117).

"O grande agente mágico se revela através de quatro classes de fenômenos, e as ciências profanas o submeteram a provas sob diferentes denominações, a saber: calor, luz, eletricidade e magnetismo. O grande agente mágico é a quarta emanação do princípio vital, do qual o sol é a terceira forma" (idem ao anterior, página 152).

"Este agente solar está vivo pelas duas forças contrárias: uma força de atração e uma força de projeção, o que faz Hermes afirmar que este agente sempre ascende e volta a descender" (idem ao anterior, página 153).

"*Beth – He - Shin*". Esta palavra, empregada por Moisés, quando é lida cabalisticamente, nos descreve e define este agente mágico universal, representado em todas as teogonias pela serpente, e que os hebreus também denominaram *OD* = Mais, *OB* = Menos; *Aour* = Infinito.

"*Aleph – Iod – Vav*". A Luz universal, quando imanta os mundos, chama-se Luz Astral; quando forma os metais, é denominada *azoth* ou *mercúrio dos sábios*; e quando dá vida aos animais deve-se chamá-la de *magnetismo animal*" (Eliphas Levi).

"O Movimento é o alento de Deus em ação entre as coisas criadas. Este princípio onipotente, uno e uniforme em sua natureza e, talvez em sua origem, é nada menos que a causa e o promotor da variedade infinita de fenômenos que compõe as indizíveis categorias dos mundos. Como Deus, vitaliza ou decompõe, organiza e desorganiza, de acordo com as leis secundárias que são a causa de todas as combinações e permutações que podemos observar ao nosso redor" ("*Nova Medicina: Nouvelle Médecine*", Louis Lucas).

"O Movimento é o estado NÃO DEFINIDO da força geral que anima à Natureza. O Movimento é uma força elemental, a única que entendo e considero que se deve utilizar para explicar todos os fenômenos da Natureza, pois ele é suscetível de mais e de menos, isto é, de condensação e dilatação, eletricidade, calor e luz. Também, é suscetível de uma COMBINAÇÃO de condensações. Finalmente, nele também se encontra a ORGANIZAÇÃO de suas combinações. O Movimento que se supõe ATIVO nos dá, *material e intelectualmente*, a chave de todos os fenômenos" (idem ao anterior).

"O Movimento, que se supõe não definido, é suscetível de *condensar-se, organizar-se, concentrar-se* ou *tonificar-se*. Produz uma força de poder *relativo* quando se *condensa*. É capaz de conduzir ou *dirigir órgãos* especiais, ou conjuntos de órgãos, quando se *organiza*. Por último, quando se *concentra* ou *tonifica*, é-lhe possível refletir-se sobre todo o organismo e dirigi-lo em sua totalidade" (idem ao anterior).

“Na alma do âmbito fluido do mundo, que penetra todas as coisas, há uma corrente de amor ou atração, e uma corrente de ira ou rejeição. Este éter eletromagnético, que a todos nos imanta, este corpo aceso pelo Espírito Santo, que renova sem cessar a face da Terra, fixa-se pelo peso de nossa atmosfera e pela força de atração do mundo. A força de tração se fixa no centro do corpo, e a força de projeção, em seu contorno. Esta dupla força age por espirais de movimentos contrários que jamais se encontram. Trata-se do mesmo movimento que o do Sol, que atraí e repele sem cessar os astros de seu sistema. Toda manifestação da vida, tanto na ordem moral como na ordem física, é produzida pela tensão extrema destas duas forças” (“*El hombre rojo de las Tullerías: L'homme rouge des Tuileries*”, de Paul Christian (J. B. Pitois), 1863).

Confio que o leitor ávido de aprender encontre nestas notas maiores esclarecimentos sobre o tema do que possam brindar-lhe as melhores dissertações do mundo. No esteio de sua declaração sobre esta força universal, Hermes aborda o Ocultismo prático, a regeneração do Homem por si mesmo, e a regeneração da matéria pelo Homem regenerado. Muito freqüentemente, os alquimistas aplicam em suas obras os princípios do Esoterismo, aos quais já nos referimos. Para concluir esta explicação, e como exercício para os leitores que sintam curiosidade por esta questão, apresentamos a tradução da Tábua de Esmeralda segundo os procedimentos da geometria qualitativa. Imaginemos um triângulo eqüilátero que tem um ponto em seu centro: *a verdade nos três mundos*. Cada lado do triângulo representa: *Verdade Moral* (lado esquerdo); *Verdade Intelectual* (lado direito) e *Verdade Física* (base).

O que está em cima (representado por um *triângulo eqüilátero com seu ápice para cima*) *é como o que está embaixo* (representado por *um triângulo eqüilátero com seu ápice para baixo*).

Para cumprir os milagres da unidade.

E como todas as coisas provieram e provêm do uno (representado por um *círculo com um ponto em seu centro*) *assim todas as coisas nascem nesta coisa única por adaptação* (que é representada por uma *cruz dentro de um círculo*).

CAPITULO IX

PRIMEIRA OPERAÇÃO: MERCÚRIO DOS FILÓSOFOS

Um alquimista do século XIX, conhecido somente pelo pseudônimo de Cyliani, passou mais de quarenta anos estudando a Pedra Filosofal. Segundo ele, conseguiu seu objetivo em 1837, depois de espantosas dificuldades. Por seu valor monumental damos a seguir, a forma de preparação completa, escrita por Cyliani em seu livro intitulado “*Hermes revelado*” (Hermès dévolé). Esta obra é absolutamente inacessível. O estudo que publicamos é precedido pela narração de um sonho durante o qual um “espírito planetário” revela ao nosso alquimista o segredo que ele tanto buscava. Depois deste relato, começa o tratado que quase constitui, por si só, a obra de Cyliani.

“Tomei a matéria que contém as duas naturezas metálicas e comecei a embebê-la, pouco a pouco, com o espírito astral, a fim de despertar os dois fogos interiores que estavam como que apagados, secando ligeiramente e triturando tudo com movimentos circulares com o calor do sol. Depois, repeti tudo e umedeci cada vez mais, secando e triturando até que a matéria tomou o aspecto de uma massa ligeiramente espessa. Então, verti sobre ela uma nova quantidade de espírito astral, de modo que a cobrisse, e deixei tudo assim durante cinco dias, ao cabo dos quais decantei o líquido ou a dissolução, que conservei num lugar frio. Depois, sequei diretamente no calor solar a matéria restante no vaso de vidro, de uns três dedos de altura. Embebi, triturei, sequei e dissolvi, como já tinha feito antes, e repeti isso até ter dissolvido tudo o que era suscetível de sê-lo, tendo o cuidado de verter cada dissolução no mesmo vaso, bem tampado. Coloquei-o, durante dez dias, no lugar mais frio que pude encontrar.

Uma vez transcorridos os dez dias, pus toda a solução para fermentar num recipiente durante quarenta dias, ao cabo dos quais se precipitou uma matéria negra pelo efeito do calor interno da fermentação. Então, destilei-a sem fogo, o melhor que me foi possível, e coloquei-a num vaso de vidro branco, com tampão esmerilhado, num lugar úmido e frio. Tomei a matéria negra e fiz com que secasse com o calor do sol, como já disse, repetindo as embebições (ação ou efeito de embeber. Penetração dum líquido em um sólido poroso) com o espírito astral, que interrompi tão logo notei que a matéria começava a secar. Deixei que secasse sozinha. Fiz isto tantas vezes quantas foram necessárias para que a matéria tomasse a aparência de um peixe negro e brilhante.

Então, a putrefação foi total e interrompi o fogo exterior para não danificar a matéria com a combustão da alma branda da terra negra. Por esse meio, a matéria se transformou em algo parecido com esterco de cavalo. De acordo com o que dizem os filósofos, há que deixar que aja o calor interior da própria matéria. A esta altura, é preciso recomeçar com o fogo exterior, para coagular a matéria e seu espírito. Depois de deixar que seque sozinha, deve-se embebê-la, pouco a pouco e cada vez mais, com seu líquido destilado que está reservado, o qual contém seu próprio fogo. Tritura-se e a coloca para secar com suave calor solar até que tenha "bebido" toda sua água.

Por esse meio, a água se transforma inteiramente em terra, e esta última, por sua dissecação, se transforma num pó branco ao qual também se chama "*ar*", que cai como uma cinza que contém o *sal* e o *mercúrio dos filósofos*. Nesta primeira operação, observa-se que a dissolução ou a água se transforma em terra, e esta, por sutilização ou sublimação, se transforma em ar puro. Aqui interrompe-se o primeiro trabalho.

Toma-se esta cinza, que se faz dissolver, pouco a pouco, com a ajuda do novo espírito astral, deixando, depois da dissolução e decantação, uma terra negra que contém o enxofre fixado.

No entanto, se repetimos a operação sobre esta última dissolução, tal como acabamos de descrever, obtém-se uma terra mais branca que da primeira vez, que é a primeira "*água*" e de repete assim de sete a nove vezes. Desse modo se obtém o *mênstruo universal*, *mercúrio dos filósofos* ou *azoth* com cuja ajuda se extrai a força ativa e particular de cada corpo. É conveniente observar, antes de passar da primeira "*água*", assim como às seguintes, que é necessário repetir a operação precedente sobre a cinza que resta, se o sal, pelo fogo central da matéria, não se eleva suficientemente pela sublimação filosófica, a fim de que, depois da operação, só reste uma terra negra, despojada de seu mercúrio.

Preste-se aqui muita atenção: depois que a matéria inche, durante a fermentação que segue à dissolução, forma-se, na parte superior da matéria, uma espécie de pele nova, sob a qual encontra-se uma infinidade de bolhinhas, que contêm o espírito. Então se deve manejar o fogo com prudência, posto que o espírito adota uma forma oleosa e adquire certo grau de secura. Quando se transforma em terra, pouco a pouco, a quantidade de água necessária para que se dissolva, há que ter o cuidado de não começar a embebê-la antes que a terra se tenha secado convenientemente. Tão logo se dissolve a matéria, ela incha, entra em fermentação e produz um ligeiro ruído que emana em forma de bolhas.

A fim de realizar bem a operação que acabo de descrever, é necessário observar o peso, o fogo do *atanor* e o tamanho do vaso. O peso deve consistir na quantidade de espírito astral necessário para dissolver a matéria. O fogo exterior do *atanor* não deve ser demasiado e há que dirigi-lo de maneira que não faça evaporar as bolhas que contém o espírito, sem que nem a "nata" nem o enxofre ardam somando-se ao fogo exterior. Tudo isto de modo que o fogo se impulsione bastante longe da matéria seca depois da sua fermentação ou putrefação, a fim de não ver o vermelho antes do negro.

Por último, o tamanho do vaso deve ser calculado segundo a quantidade da matéria, de modo que só contenha uma quarta parte de sua capacidade. Entenda-se bem isto: tampouco deve-se esquecer que a misteriosa solução da matéria ou as bodas mágicas de Vênus com Marte se realizam no templo do qual já de falou, numa bela noite, com o céu sem nuvens e em calma, o Sol no signo de Gêmeos, e a Lua em seu primeiro quarto total, com a ajuda do amante que atrai o espírito astral do céu, o qual se retifica sete vezes até que possa calcinar o ouro. Uma vez que a operação culminou, se possui o *azoth*, o *mercúrio branco*, o *sal* e o *fogo secreto dos filósofos*.

Alguns sábios fazem dissolver diretamente na menor quantidade de espírito astral necessário para tomar uma dissolução espessa. Depois de diluído, eles o deixam num lugar frio para obter três partes de sal. O primeiro sal tem o aspecto do silício, e o segundo, do salitre com pequeníssimas agulhas. O terceiro, é um sal fixo e alcalino. Os filósofos os empregam separadamente, e há outros que os juntam, como indica A. de Villeneuve em seu "*Pequeno Rosário*" (Petit Rosaire), de 1306, sob o título de "*Dois Chumbos*", e os dissolvem em quatro vezes seu peso de espírito astral a fim de realizar todas as operações. O primeiro sal é o verdadeiro *mercúrio dos filósofos*, é a chave que abre todos os metais, com cuja ajuda se extraem suas tinturas. Dissolve radicalmente tudo, fixa e amadurece tudo de maneira uniforme e, por ser de natureza fria e coagulante, fixa tudo.

Em síntese, é uma essência universal muito ativa, é o vaso em que se efetuam todas as operações filosóficas. Portanto, observa-se que o *mercúrio dos sábios* é um sal que eles denominam *água seca*, que não molha as mãos. No entanto, para sua utilização há que dissolvê-lo num espírito astral, como já o dissemos. Empregam-se dez partes de mercúrio por uma de ouro. O segundo sal se usa para separar o puro do impuro, e o terceiro, para aumentar nosso *mercúrio* de maneira contínua."

CAPITULO X

SEGUNDA OPERAÇÃO: CONFECÇÃO DO ENXOFRE

A tintura que se extrai do ouro comum é obtida pela preparação de seu enxofre. Isto é resultado de sua calcinação filosófica, que o faz perder sua natureza metálica e o transforma em terra pura. Tal calcinação não pode ter lugar com o fogo comum, mas somente com o fogo secreto que existe no *mercúrio dos sábios*, devido a sua dupla propriedade. A virtude deste fogo celeste, secundado pela trituração, penetra no centro do ouro comum, se libera e anima o duplo fogo central do ouro: o mercurial e o sulfuroso. O primeiro fogo celeste, depois de ter extraído a tintura do ouro, a fixa pela sua qualidade fria e coagulante, e se torna perfeita, podendo multiplicar-se tanto em qualidade como em quantidade. Uma vez que esta terra alcançou fixidez, adquire a cor da flor do pessegueiro, que dá a tintura ou o fogo que então é o ouro vital e vegetativo dos sábios. Isto tem lugar pela regeneração do ouro com nosso mercúrio.

Há que começar, pois, a dissolver o ouro comum em sua matéria espermática com nossa água de mercúrio ou nosso *azoth*. Para chegar a isto, há que reduzir o ouro numa cal ou óxido de um vermelho escuro muito puro, e depois de tê-lo lavado várias vezes com água de chuva bem destilada com pouco fogo, deixa-se secar ligeiramente com o calor do sol. É quando o calcinará com nosso fogo secreto. Nesta ocasião os filósofos dizem: os químicos queimam com o fogo, e nós com a água. Depois de ter embebido e triturado ligeiramente o óxido de ouro calcinado, que está úmido; depois de tê-lo feito absorver seu peso de sal ou de terra seca sem que molhe as mãos e depois de que tudo se tenha incorporado devidamente, deve-se embebê-lo diretamente e aumentarão, de modo sucessivo, as embebições até que tudo pareça uma massa pouco espessa.

Então, se porá por cima certa quantidade de água de mercúrio, proporcional à matéria, de maneira que esta fique submersa. Deixa-se tudo no calor suave do banho Maria dos sábios durante cinco horas, ao cabo das quais se decantará a solução num vaso que será devidamente tampado e será

deixado num lugar úmido e frio. Toma-se a matéria que não se dissolveu e deixa-se secar com um calor parecido com o do sol. Quando esteja suficientemente seca, recomeçarão as freqüentes embebições e triturações, como já explicamos, a fim de obter uma nova dissolução. Esta se juntará com a primeira e se repetirá o procedimento até ter dissolvido o que possa sê-lo, sem que fique mais do que terra morta, sem valor algum.

Uma vez concluída a dissolução, coloca-se num vaso de vidro bem tampado, do qual já falamos. Sua cor é parecida com a do lápis-lazúli. Deixa-se este vaso no lugar mais frio possível, durante dez dias. Depois coloca-se essa matéria para fermentar, como já explicamos na primeira operação e, pelo correspondente fogo interno desta fermentação, se precipitará uma matéria negra. Esta matéria será destilada habilmente e sem fogo, pondo-se o líquido separado pela destilação (o qual flutuará na terra negra) num vaso bem tampado e num lugar frio. Toma-se a terra negra separada pela destilação de seu líquido, deixa-se secar sozinha e, depois, embebe-se diretamente com o fogo exterior, ou seja, com o mercúrio filosófico, porque a árvore filosófica precisa, de tempos em tempos, ser queimada pelo sol e, logo, ser refrescada pela água.

Deve-se alternar, pois, o seco e o úmido, a fim de apressar a putrefação, e quando se perceba que a terra começa a secar, suspendem-se as embebições. Depois, deixa-se secar sozinha, até que alcance secura apropriada. Repete-se esse procedimento até que a terra pareça um peixe negro: então, a putrefação está perfeita. Devemos lembrar o que foi dita na primeira operação, a fim de não deixar que o espírito se volatilize ou as “flores” se queimem, suspendendo de propósito o fogo exterior no momento em que a putrefação é total.

A cor negra que se obtém ao cabo de quarenta ou cinqüenta dias (sempre que se administrou devidamente o fogo exterior), é uma prova de que o ouro comum se transformou em terra negra, a que os filósofos chamam de esterco de cavalo.

No momento em que a matéria tem cor branca e concluiu a coagulação, deve-se fixá-la, secando-a ainda mais com a ajuda do fogo exterior. Para isso, segue-se o mesmo procedimento que foi usado na coagulação anterior, até que a cor braça se transforme na cor vermelha que os filósofos chamam *o elemento do fogo*. A matéria alcança sozinha um grau de fixidez tão grande que o fogo exterior ou comum já não a afeta e já não pode prejudicá-la mais. Não somente há que fixar a matéria como acabamos de fazer, mas também há que petrificá-la, induzindo-a ao aspecto de uma pedra triturada, valendo-se para isso do fogo ardente, isto é, do primeiro fogo que se usou, e seguindo os mesmos meios antes descritos, a fim de transformar a parte impura da matéria em terra “fixa” e despojar também a matéria de sua umidade salina.

Então se começa a separar o puro do impuro da matéria. Este é o último grau da regeneração, que se consuma com a solução. Para chegar a isto, depois de ter triturado devidamente a matéria e de tê-la posto, como já explicamos, num vaso de sublimação (de três a quatro dedos de altura, de vidro branco de boa qualidade e de uma espessura que seja o dobro do normal), verte-se sobre ela a água mercurial, que é nosso *azoth*, dissolvido na quantidade de espírito astral necessária e que já indicamos, graduando seu fogo de maneira que a mantenha num calor temperado, enquanto no final, se junta uma quantidade deste mercúrio filosófico com a finalidade de fundir a matéria. Desse modo, toda a parte espiritual da matéria se introduz na água, e a parte terrosa vai ao fundo. Decanta-se seu extrato, coloca-o em gelo, a fim de que a quintessência oleosa se junte e suba à superfície da água e ali flutue como óleo, despejando-se o resto na terra como coisa inútil. Esta terra aprisionava a virtude medicinal do ouro, e portanto, carece de valor.

Observe-se bem que não há que prolongar muito a petrificação da matéria para não transformar o ouro calcinado numa espécie de cristal. Há que regular com habilidade o fogo exterior para que seque pouco a pouco a umidade salina do ouro calcinado, transformando-o numa terra branda que cai como cinza, como resultado de sua petrificação ou dissecação mais ampla. O óleo que se obtém

pela separação é a tintura, o enxofre, o fogo radical do ouro ou a verdadeira coloração. É também o *remédio universal*, verdadeira cura para todos os males que afligem a humanidade. Num dos equinócios, toma-se a quantidade necessária deste óleo para tingir ligeiramente uma colher de sopa de vinho branco ou rosé destilado, porque uma grande quantidade deste remédio destruiria o radical úmido do homem e lhe tiraria a vida.

Este óleo assumir todas as formas possíveis e tornar-se pó, sal, pedra, espírito, etc., pela sua dissecação, com a ajuda de seu próprio fogo secreto. Este óleo é também o sangue do leão vermelho: os antigos o representavam com a imagem de um dragão alado que descansava sobre a terra. Finalmente, este óleo inalterável é o mercúrio aurífico. Uma vez feito, pode-se dividi-lo em duas partes. Conserva-se uma parte, em estado de óleo, numa redoma de vidro branco bem fechada com tampa esmerilhada, e conserva-se em lugar seco, a fim de usá-lo para fazer as embebições nos reinos de Marte e do Sol, como explicarei no final da terceira operação. A outra porção deixa-se secar até que se reduza a pó, seguindo os mesmos passos já indicados para dissecar a matéria e coagulá-la. Então, divide-se esse pó em duas partes iguais. Dissolve-se uma parte em quatro vezes seu peso de *mercúrio filosófico*, para embeber a outra metade com o pó reservado".

CAPÍTULO XI

TERCEIRA OPERAÇÃO: CONJUNÇÃO DO ENXOFRE COM O MERCÚRIO DOS FILÓSOFOS

"É por esta etapa que quase todos os filósofos iniciam suas operações, o que induziu muitas pessoas a erros. É também nesta operação onde se junta o enxofre dos filósofos com o mercúrio dos filósofos. Quase todos os sábios chamaram de "fermentação" esta última operação, posto que o enxofre se dissolve de novo nela, fermenta, entra em putrefação e termina sua nova regeneração na qual tem dez vezes sua força. Esta operação difere das duas anteriores, o que faz com que os filósofos a integrem com sete graus, a cada um dos quais assinalam um planeta.

Para efetuar esta operação, deve-se tomar a metade do pó que está reservado, do qual já falamos, e embebê-lo pouco a pouco, pois que embebendo-o numa quantidade muito grande, se dissolveria diretamente o enxofre no azeite, que se sublima quando submerso na água, e isto impediria que o enxofre e o mercúrio se juntem. Esta é uma grave deficiência que impede que muitos filósofos tenham êxito. Por isso, há que embeber a matéria, gota a gota, em aspersão, a fim de conseguir que se unam a Lua com o Sol dos Anjos e, juntos, formem uma massa espessa. O fogo externo que serve para efetuar estas embebições, é aquele do qual já falamos no momento em que fizemos dissolver em pó o quarto de azeite aurífico na quantidade de *mercúrio filosófico* necessário para isso. Este fogo exterior se regula de acordo com a quantidade de matéria.

Neste ponto, deve-ser ter o cuidado de manter a matéria untada pelas embebições, repetidas pelo tempo que seja necessário para fazer com que a matéria inche e entre em fermentação. Sua dissolução termina no momento em que a matéria adquire uma cor azulada. Esta dissolução chama-se *rebis* ou *mercúrio duplo* e o *grau do mercúrio*. Esta dissolução é seguida imediatamente pela fermentação. Então se interrompem as embebições e o fogo exterior, e deixa-se que o fogo interior da matéria aja totalmente por si mesmo, até que a matéria caia no fundo do vaso e ali se torne negra como carvão.

Então, começa o primeiro grau, chamado de Saturno, que se destila sem fogo e cujo líquido submerge a matéria negra, enquanto continua o processo já descrito para as duas operações precedentes. Deixa-se que a matéria negra seque sozinha. No momento em que alcance um estado apropriado de secura, é embebida diretamente com o fogo exterior, interrompendo as embebições quando se vê que a matéria começa a secar. Deixa-se que adquira por si só certo grau de secura e se prossegue, repetindo até que alcance sua putrefação total, então se interrompe o fogo exterior para

não danificar a matéria. Como resultado da ação do próprio fogo da matéria, esta se transforma de negra em cinza, sem que seja necessário aplicar-lhe fogo exterior. Então se alcançou o grau de Júpiter. Neste grau se vêem aparecer as cores do arco-íris, que são substituídas por uma espécie de pele de cor negra escura, adquirida pela secura. Ela se racha e se torna cinza rodeada, na parede do vaso, por um círculo branco.

Quando a matéria chegou a este ponto, poderia ser utilizada como remédio. Neste caso, haveria de deixar secar a matéria e fazer com que se convertesse num pó branco, empregando os mesmos procedimentos já descritos para obter esta cor; a qual o tornará vermelho com a ajuda do fogo secreto. Este remédio teria então dez vezes a virtude do primeiro, do qual já falamos. No entanto, se desejar utilizá-la para a transmutação de metais, depois de tê-la dissecado bem, não se espera que fique branca, mas faz-se que fique assim amalgamando-a, em partes iguais, com mercúrio comercial comum, cuidadosamente purificado pela destilação, bem sublimado e revificado. Trata-se do "*leite*" ou da "*gordura*" da terra. Com efeito, no primeiro momento em que o mercúrio se amalgama com a matéria, tudo se dissolve sob o aspecto de um líquido branco parecido com o leite, que a matéria condena num sal fixo, pela ação de seu próprio fogo. Então se recomeçam as lavagens mercurianas, o que a torna cristalina, com a ajuda de sete lavagens diferentes: em cada uma delas agrega-se ao mercúrio revificado, de forma igual, como já foi dito. Depois, por meia, terceira e quarta, quinta e sexta e sétima parte do peso da matéria fixa, a fim de que o peso da matéria seja sempre maior que o do mercúrio revificado que se emprega.

Mas, desde a primeira lavagem, não se deve interromper o fogo nem o do dia nem o da noite, ou seja, as embebições que contém o fogo da matéria, a fim de que não esfrie o composto que é o *latão dos filósofos*, que deve branquear pelas freqüentes embebições até que nossa matéria fixe o mercúrio, com a ajuda de seu próprio fogo. Isto consuma o grau de Júpiter.

Continuando deste modo, o latão se torna amarelado; depois azulado, e aparece sobre ele uma belíssima brancura: então começa o grau da Lua. Esta bela brancura tem o aspecto do diamante triturado e se torna um pó muito fino e sutil. Obtido o branco fixo, coloca-se sobre uma lâmina vermelha de cobre. Se fundir sem fazer fumaça, então a tintura se fixou suficientemente.

Caso contrário, aplica-se fogo, prosseguindo assim até que tenha alcançado o grau de fixidez conveniente, e ali se interrompe o fogo, se quiser fazer somente a tintura branca, uma parte da qual transmuta cem partes de mercúrio comum em prata melhor que a das minas. No entanto, se o que se deseja é preparar a tintura vermelha, então se deve continuar com o fogo sobre a matéria. Se quiser que fique vermelha, não se deve deixá-la esfriar. Segue-se aplicando fogo exterior, a matéria torna-se muito fina e tão sutil como é difícil imaginar. Por esta razão, deve-se dirigir bem seu fogo a fim de que a matéria não se volatilize com a força do fogo (o qual deve penetrá-la por completo), mas que fique no fundo do vaso, convertendo-se num pó vermelho. Este é o grau de Vênus.

Continuando com sabedoria com o fogo exterior, a matéria adquire a cor amarelo limão: este é o grau de Marte. Esta cor aumenta sua intensidade e se torna cor de cobre. Quando chega a este ponto, não pode aumentar sua intensidade por si só.

Se continuarmos as embebições com o óleo aurífico, então a matéria se torna cada vez mais vermelha, depois, púrpura e, por fim, de cor vermelho escuro, que forma a *salamandra dos sábios*, a qual o fogo jamais pode atacar. Finalmente, introduz-se o próprio óleo aurífico na matéria e embebe-se gota por gota até que o óleo do Sol se coagule na matéria e esta última, posta sobre uma lâmina quente, se funda sem fazer fumaça. Por esse meio obteve-se tintura vermelha e o outro fixo e coagulante, uma parte do qual transmuta cem partes de mercúrio em ouro melhor do que o da Natureza".

CAPÍTULO XII

AS MULTIPLICAÇÕES

"As duas tinturas das quais acabo de falar - a branca e a vermelha – são suscetíveis de multiplicar-se em qualidade e quantidade, enquanto não tenham sido submetidas à ação do fogo corrente, o qual as faz perder sua umidade radical, coagulando-as como terra cujo aspecto é o de uma pedra. Para que estas duas tinturas – a branca e a vermelha – se multipliquem temos que repetir por completo a terceira operação. Ambos os pós – o branco e o vermelho – devem ser dissolvidos no mercúrio filosófico, até que se fermentem e entrem em putrefação e, desta maneira, possam regenerar-se. Para chegar isto, deve-se repetir, pouco a pouco, as embebições, orientar o fogo e regulá-lo, de maneira sucessiva, como já descrevemos. Nesta segunda multiplicação, uma parte se projeta sobre mil partes de mercúrio e a transmuta em prata ou em ouro, segundo seja a cor do pó em metal perfeito.

A multiplicação em qualidade se realiza repetindo a sublimação filosófica. Esta acontece separando o puro do impuro com a ajuda do mercúrio filosófico. Repetem-se pontualmente as manipulações da terceira operação, depois de ter feito a dissecação com a ajuda do fogo da matéria e de ter reduzido a pó todo o óleo branco se trabalhar o branco, e só uma parte do óleo vermelho se trabalhar o vermelho, a fim de conservar a outra parte para utilizá-la no grau de Marte e do Sol, assim que para inserir, como já indiquei, se trabalhar o vermelho.

A multiplicação em quantidade se realiza acrescentando mercúrio comum revificado, como já foi explicado. Se deseja realizar, ao mesmo tempo, a multiplicação em qualidade, deve-se começar, como regra geral, por sublimar a matéria separando o puro do impuro, dissecando-o em sua totalidade, se trabalhar o branco, ou pela metade, se trabalhar o vermelho, com a ajuda do próprio fogo, o qual se regulará da mesma maneira que o fiz na primeira operação, a fim de reduzi-los a pó. Cada pó será dividido em duas partes iguais. Se dissolverá uma parte em quatro vezes seu peso de mercúrio filosófico, o qual servirá para embeber a outra porção que está separada, repetindo por completo a terceira operação.

Se desejar, é possível repetir estas manipulações até dez vezes: a matéria adquirirá, cada vez mais, uma força que multiplicará por dez, e será tão sutil que a última vez atravessará o vaso, volatilizando-se em sua totalidade. Normalmente interrompe-se na nona multiplicação, ou do contrário se torna tão volátil que, com o mínimo calor, fura o vaso e se evapora, o que faz com que, habitualmente, se interrompa a transmutação de uma parte sobre mil ou dez mil no máximo, a fim de não se perder um tesouro tão precioso".

Não descreverei aqui operações curiosíssimas que eu realizei para meu grande assombro, nos reinos vegetal e animal, e tampouco ao modo de fazer com que o vidro se torne maleável e que as pérolas e as pedras preciosas tornem-se mais belas que as naturais, seguindo-se o procedimento iniciado por Denis Zachaire, pela utilização de vinagre, matéria coagulada branca e grãos de pérolas ou rubis muito finamente triturados, moendo-os o coagulando-os com o fogo da matéria. Isto é porque não quero ser perjuro nem dar mostras querer transpor os limites do espírito humano.

CAPÍTULO XIII

O VERDADEIRO ALQUIMISTA

Já falamos muito sobre a Pedra Filosofal. Falemos agora algumas palavras sobre seu feliz possuidor: o Alquimista. No geral, supõe-se que este homem vive buscando perpetuamente o impossível, entre fornos ardentes, crocodilos dissecados, corujas sinistras e gatos enfeitiçados. No

entanto, basta abrir seus livros e ver o modo como eles mesmos representam seus fornos e laboratórios para comprovar que existe um profundo erro, do qual os preconceitos do vulgo dão testemunho. O verdadeiro alquimista é um filósofo suficientemente instruído para passar, sem mudar, por épocas muito turbulentas e difíceis[13]. Ele é o sagrado depositário de toda a ciência maravilhosa que outrora foi ensinada nos venerados santuários da Índia e do Egito. É preciso que ele saiba velá-la bastante para iludir o ciumento olhar do clérigo déspota, que fareja nele o inimigo e vigia-o muito de perto. Quando a Inquisição persegue sem piedade todo vestígio de conhecimento, o filósofo hermético vela mais seus escritos com símbolos e figuras misteriosas, ainda que não o suficiente para que o investigador esmerado não os possa compreender com facilidade. Esta é a origem das obscuridades deliberadas que encontramos nas obras dos adeptos. Como utilizam as imensas riquezas que o conhecimento do misterioso segredo pode brindar-lhes?

Uma das regras elementares da Ciência denominada Oculta ensina que, para ser mestre de alguma coisa, deve-se saber considerá-la com a máxima indiferença. Quem deseje a Pedra Filosofal pelas riquezas que ela proporciona, muito possivelmente não a possuirá jamais. A tradição esotérica também nos apresenta o alquimista vestido com simplicidade e sempre viajando, dando esmolas aos mendigos e aos reis e, por esta razão, mostrando-se superior a estes últimos.[14] Se dermos crédito aos relatos dos contemporâneos, o alquimista Nicolas Flamel, possuidor de imensas riquezas, empregava-as somente em obras pias e de caridade, e tanto ele como sua esposa comiam legumes cozidos, em grosseiros pratos de barro cozido. Encontraremos estas idéias postas em prática até em pleno século XIX. O alquimista Cyliani (1832), depois de descobrir, segundo ele mesmo conta, a Pedra Filosofal depois de quarenta anos de trabalhos, viveu com uma renda modestíssima depois de ter-se sentido tentado a oferecer o preciso segredo ao rei Luis XVIII. Foi a esposa de Cyliani quem o fez mudar de idéia.[15]

Além disso, basta ler a obra de Guillaume Louis Figuier para reunir numerosos dados sobre este tema. A doutrina que os alquimistas ensinavam é, em grande parte, filosófica. A experiência só deve servir para verificar as teorias especulativas enunciadas nos livros mais venerados. Por esta razão, os adeptos denominam *Filosofia Hermética* ao conjunto de seus conhecimentos. A Filosofia Hermética proclama a unidade da substância na base de todas estas demonstrações. Por outro lado, existe um *princípio universal* expandido em todos os corpos, qualquer que seja a composição deles. O conhecimento deste princípio universal posto em ação constitui o segredo da Grande Obra e faz, *ab initio*, que as experiências alquímicas se diferenciem dos trabalhos dos químicos correntes, a quem os filósofos herméticos consideram "dependentes de laboratório".

Esta força oculta recebeu uma enorme quantidade de denominações nas obras que tratam sobre a Alquimia: é o *Thelema* (ou *Thelesma*) de Hermes[16]. O *Aour* dos cabalistas[17], o *Rouah Elohim* de Moisés[18], o *Mercúrio Universal* dos alquimistas[19], a *Luz Astral* da Ciência Oculta[20], o *Movimento* de Louis Lucas[21], etc.

Esta teoria, para a qual sentem-se atraídos os filósofos contemporâneos, acaba de ser atualizada em toda sua beleza pelos trabalhos dos ocultistas. Pormenores desta interessante questão também são encontradas num belíssimo estudo do Conde Albert de Rochas, intitulado "*As doutrinas químicas no século XVII*" (Les doctrines chimiques au XVIIe. Siècle), surgido em Cosmos, no ano de 1888.

---

[13] "Le Roman Alchimique", de Louis Lucas.
[14] "História da Magia", de Éliphas Levi.
[15] "Hermes revelado", de Cyliani
[16] "A Tábua de Esmeralda".
[17] "A Chave dos Grandes Mistérios", de Éliphas Levi
[18] "A Língua Hebraica Reconstituída" , de Fabre d'Olivet.
[19] "Les Secrets les plus cachés" (6º tratado), de Crosset de la Haumerie.
[20] "Dogma e Ritual da Alta Magia", de Éliphas Levi
[21] "Chimie Nouvelle", de Louis Lucas

Existe em nossa época algum vestígio desta Filosofia Hermética e de seus ensinamentos? Busquemo-lo.

CAPÍTULO XIV

VESTÍGIOS DA ALQUIMIA NA ÉPOCA ATUAL

No geral, os alquimistas trabalham sozinhos até o século XVI. A partir dessa época, as Sociedades Secretas mais ou menos poderosas eram quem conferiam a Iniciação. E foram elas que deixaram rastros suficientemente perduráveis para que possamos reencontrá-los em nossa época. Sem mencionar os *Templários*, que foram destruídos prematuramente, a mais importante e famosa das Sociedades Herméticas é, indiscutivelmente, a misteriosa *Fraternidade Rosacruz*. Graças a seu impulso, Elias Ashmole (1617 – 1692) fundou a Maçonaria inglesa, da qual derivam todas as Iniciações modernas[22]. A *Maçonaria* nos apresenta, ainda hoje, as vivas tradições do Hermetismo em muitos dos seus altos graus, e foi Joseph Marie Ragon (1781 – 1862) quem a estudou, especificamente sob esse ponto de vista, em sua obra "*Maçonaria Oculta*" (Maçonerie Occulte).

É assim que a palavra perdida e reencontrada, do grau 18 do Rito Escocês – INRI – é explicada esotericamente, com um aforismo hermético: *Igne Natura Renovatur Integra*[23]. *A Natureza se renova integralmente com o fogo*. Este fogo não é o fogo comum: é a *força universal*, da qual falamos há pouco, representada também pela letra "G" que aparece no centro da Estrela Flamejante[24]. Os graus 22º e 28º também estão repletos de tradições reais da Ciência Hermética[25]. Além dessas tradições, conservadas sem que seus possuidores o saibam, muitos monumentos de Paris são, inclusive, provas positivas dos ensinamentos da Filosofia Hermética. Como exemplo, citamos em primeiro lugar, a *Torre de Saint-Jacques*; depois, os *Vitrais de Saint-Chapelle* e, finalmente, a *Fachada de Notre Dame* de Paris[26].

Por fim, o século XIX viu nascer muitos alquimistas convictos. Citamos, em primeiro lugar, Cyliani, autor de "*Hermes revelado*", que já mencionamos, no qual afirma que descobriu a Pedra Filosofal e nos brinda, com estilo alquímico, o modo de fabricá-la. É curioso observar que este estilo simbólico é empregado, inclusive, atualmente. Depois de Cyliani, devemos citar Théodore Tiffereau, antigo catedrático de química na Escola de Nantes e autor de um memorial dirigido à Academia, intitulado "*Os metais não são corpos simples*" (1853). Em seguida vem o menos sério de todos, Louis Paul François Cambriel (1784 – 1850), autor de um deficiente tratado que tem por título "*A alquimia em 19 lições*"[27].

Estes são os representantes da Alquimia em nossa época. Existem outros no Ocidente? Existem Sociedades Herméticas? Isto não podemos dizer. No entanto, posso falar de uma aventura inteiramente pessoal, que me aconteceu há quase dois anos.

CAPÍTULO XV

UM ALQUIMISTA PRÁTICO

---

[22] "Ortodoxie maçonnique", de Joseph Marie Ragon.
[23] "Francs-Maçons et Théosophes", do autor
[24] "A Missa e seus Mistérios", de Joseph Marie Ragon
[25] "Moralis and Dogma of Freemasonary", de Alberto Pike, Charleston, 1881, página 340 e seguintes.
[26] No "Tratado Elementar de Ciência Oculta", do autor, está explicado o hieróglifo alquímico da fachada de Notre Dame, Lâmina VI.
[27] Alberto Poisson publicou em 1890 um excelente estudo intitulado "Cinq traités d'Alchimie", com muitas gravuras.

Nessa época eu realizava um trabalho que ainda permanece inconcluso. Tentava reduzir todos os termos alquímicos a seus equivalentes da química contemporânea. A tarefa era fácil com alguns deles, e dificultosa com outros. Quando a mera teoria não me bastava, então apelava para a experiência. Foi por isso que, quando estava sublimando uma mistura de nitrato de potássio e mercúrio, pelo procedimento alquímico, observei que se produziram três sais de aspectos físicos diferentes, ainda que de idêntica composição química. Estes três sais eram os indicados claramente pelos alquimistas, sem que os químicos os mencionassem. Justamente isso tinha me impulsionado a tentar a experiência.

Todo trabalho ocultista desperta e repercute num nível de idéias que guarda uma correspondência exata nos três mundos. Tampouco me assombrei quando, inesperadamente, recebi a visita de um homem de uns quarenta anos, bem vestido, que me confessou que se ocupava da Pedra Filosofal fazia dez anos. Dizia ter encontrado a direção do fogo astral e que se dedicaria a mostrar sua ação à pessoa que, não lhe desse dinheiro, pois não o queria, mas que lhe alugasse uma casinha por um ano. A pessoa que fizesse isso continuaria sendo a proprietária dessa casinha e isso lhe permitiria concluir comodamente seu trabalho. Uma vez que “meus aposentos” são formados por um quarto perto do céu, e tudo o que posso ganhar consagro a difundir o Ocultismo, me era impossível adiantar os mil e duzentos francos necessários para satisfazer o sonho daquele alquimista. Por isso, levei-o a diversos ocultistas ricos, mas eles não quiseram arriscar esse valor. Teria feito qualquer coisa para ver a prometida experiência, pois essa era a condição *sine qua non* da entrega do dinheiro.

Para recompensar meus esforços, o alquimista deu-me uma garrafa que continha uma substância branca, de odor muito penetrante e dotada de curiosas propriedades físicas. Essa substância é tão higrométrica (higrometria - Parte da Física que trata da determinação do grau de umidade do ar) que uma pequena porção colocada sobre a água a agita violentamente, de imediato, lembrando um pouco o sódio, mas sem jamais inflamar-se. Ainda não tive tempo para analisar esta matéria que, segundo penso, é de origem orgânica. Desde então, o alquimista de quem falo continua seus trabalhos. Vive em Winterthur, na parte da Suíça de idioma alemão, e chama-se H. Etter. É um homem muito sério e muito erudito em Ocultismo. Se algum de meus leitores visitar esse lugar, pode ir ver pessoalmente as experiências desse “filósofo do fogo”.

É o único alquimista prático que conheço, além de uma Associação situada nos arredores de Gortiz, na Áustria. Fiz essa descoberta na mesma época que um sapateiro, porteiro num casarão da Menilmontant, que possuía a mas completa biblioteca sobre Alquimia que eu jamais tinha visto. Muito dedicado a seus estudos, o sapateiro a quem me refiro, socialista da escola de Fourier e de Torreli, durante quarenta anos vinha comprando esses livros, um depois do outro, de revendedores de curiosidades. Entre outras obras raras, tinha manuscritos herméticos de grande valor. Tinha lido e tomado notas de tudo, e era muito erudito em Ocultismo, o suficiente para ser um interlocutor do Venerável Mestre, no dia de sua Iniciação. No entanto, nunca tinha tentado praticar a Alquimia.

Nossa monografia não seria completa se concluíssemos sem indicar, pelo menos, os livros mais úteis para quem quiser chegar mais longe nestes curiosos estudos. Isto é o que faremos a seguir.

CAPÍTULO XVI

COMO ESTUDAR ALQUIMIA E CONCLUSÃO

Aconselhamos ler integralmente, em primeiro lugar, “*A Alquimia e os Alquimistas*”, de Figuier. Ainda que o autor se diga adversário da Filosofia Hermética, seu livro foi muito bem escrito e, salvo alguns erros de pouca importância, merece ser considerado seriamente. Sobretudo, é notável a

parte histórica, e sua leitura permite demonstrar, categórica e evidentemente, a existência da Pedra Filosofal. Portanto, Figuier deve ser estudado pela parte histórica que sua obra contém.

Então, pode-se ler a obra de um alquimista de verdade, e entrar no conhecimento desse estilo estranho e figurado. Aconselhamos, enfaticamente, o estudo da obra de Cyliani, que já citamos nos Capítulos IX, X e XI. Pode-se observar que, inclusive no século XIX, a linguagem simbólica ainda é usada, apesar da química contemporânea. Também pode-se levar em conta o que aquele alquimista relata sobre seus quarenta anos de sofrimentos e investigações, e quão difícil foi o trabalho que ele empreendeu. Esse texto é raríssimo e talvez seja encontrado na Biblioteca Nacional de Paris.

Finalmente, a instrução elementar se completará com a leitura de "*História da Filosofia Hermética*" (*Historie de la Philosophie Hermétique*), de Langlet du Fresnoy, e os autores relacionados nos dois tomos da "*Biblioteca de Filósofos Químicos*" (*Bibliothéque dês Philosophes Chimiques*), de Salmon (1667 – 1736). É uma obra póstuma, publicada em 1753. Posto que existem mais de três mil textos sobre Alquimia, cremos que devemos limitar-nos a citar apenas os mais importantes. Aqueles que queriam chegar a ser alquimistas práticos (e os lastimo muitíssimo) deverão ter conhecimento de todos mestres, sobretudo das obras de Abu Abadia Jabir ibn Hayyan *Geher* (século VIII), Raimundo *Lulio* (1235 – 1315), Basil *Valentine* (ou Basilius Valentinus, ou Basilio Valentin, século XV), *Paracelso* (Aureolus Theophratus ou Philippus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, 1493 – 1541) e Jean Batiste van *Helmont* (1577 – 1644).

CONCLUSÃO

Chegamos ao final de nosso trabalho e esperamos ter alcançado o objetivo que perseguíamos: demonstrar que a Pedra Filosofal não é somente possível, mas que existe e deu provas irrefutáveis de suas existência. Aos leitores sérios, isentos de parcialidade e de preconceitos, rogamos que estudem bem o que afirmamos, verifiquem sua autenticidade nos *livros originais* (o que é fácil, na Biblioteca Nacional de Paris), e certifiquem-se se ali há *provas irrefutáveis* ou apenas simples conjecturas , despojadas de qualquer fundamente sólido. O amor pela verdade é o móvel que nos induziu a defender os alquimistas, esses filósofos humildes, que se conhece tão pouco e se calunia muito. Oxalá induzíssemos algum investigador instruído por nós a desenvolver e ampliar este tipo tão particular de estudos.

Além disso, assistimos a um verdadeiro renascimento da antiguidade. Os tão curiosos fenômenos da sugestão vêm destruir apropriadamente as conclusões apressadas, e é possível que, no século XX, se constituam, finalmente, a SÍNTESE e a aliança da *física positivista* do Ocidente com a *metafísica idealista* do Oriente. Oxalá esteja próximo o dia em que todas as filosofias reingressem na Unidade de uma mesma CIÊNCIA, todos os cultos se reincorporem na *Unidade* de uma mesma FÈ, e a *ciência e a Fé* dêem nascimento, pela sua aliança, à síntese de uma só VERDADE!

INFORMAÇÃO SUCINTA SOBRE ALQUIMISTAS E ESTUDIOSOS MENCIONADOS NESTA OBRA

ASHMOLE, Elias
Alquimista, astrólogo e antiquário. Nasceu em 23 de maio de 1617; morreu em 18 de maio de 1692. Principais obras: "Theatrum Chemicum Britannicum" "Cornhill", 1652; "Memoirs" (publicada em Londres, en 1717). Além disso, foi o editor de "Fasciculus Chemicus", de Arthur Dee (1650), e "The ways of bliss", de autor anônimo (1858).

BERTHELOT, Marcelin Pierre Eugène

Químico e político francês. Nasceu em Paris, em 29 de outubro de 1827; morreu ali em 18 de março de 1907. Destacado investigador especializado em química orgânica e termoquímica. Tradutor de textos alquímicos gregos, sírios e árabes. Principais obras: Os originais de "L'alchimie" (1885); "Collection des anciens alchimistes grecs" (1867-1888); e "Introduction à l'étude de la chimie des anciens et du Moyen Age" (1893).

BERIGARD (o BEAUREGARD), Claude Guillermet de
Alquimista e filósofo francês. Nasceu em Moulins, em 1578; morreu em Papua em 1664. Principais obras: "Dubitaciones in dialogum Galilei pro terrae immobilitate" (Florença, 1632) e "Circulus Pisanus" (Udine, 1643).

CAMBREL, Louis Paul François
Alquimista francês. Nasceu em La Tour de France em 8 de novembro de 1784; morreu em Paris, c. 1850. Obra principal: "Tours de la philosophie hermétique" (1843).

CYLIANI
Alquimista francês cuja identidade não foi determinada até hoje: atribuem-lhe o descobrimento da Pedra Filosofal, depois de muitos anos de trabalho. Obra: "Hermès dévoilé" (1832).

DAVIDSON, Peter
Hermetista americano. Primeiro Grão Mestre da Hermetic Brotherhood of Luxor. Obra: "The book of light and life" (1892).

DELAAGE, Henri
Hermetista francês. Nasceu em 1825; morreu em 1882. Principais obras: "Initiation aux mystères du magnetisme" (1847); "Doctrines des sociétés secretes" (1852); "Le monde occulte" (1856); e "La science du vrai" (1882).

DIGBY, Sir Kenelm
Marinheiro, diplomata e filósofo britânico. Nasceu em Londres em 11 de julho de 1603; morreu ali em 1° de junho de 1665. Obras principais: "Of Bodies" (1644); "Of the immortality of man's soul" (1644); "Of the sympathetic powder. A discourse in a solemn assembly at Montpellier, made in French by Sir Kenelm Digby Knight" (tanto a versão francesa como a inglesa foram publicadas em 1658).

ENCAUSSE, Philippe
Médico e hermetista francês, filho de Gérard Encausse (Papus). Obras principais: "Papus, sa vie, son œuvre" (1932); "Sciences occultes ou 25 années d'occutisme occidental" (1949); e "Sciences ocultes et déséquilibre mental" (1955).

FIGUIER, Guillaume Louis
Químico e hermetista francês. Nasceu em 1819; morreu em 1894. Obras principais: "L'alchimie et les alchimistes" (1854); "Le lendemain de la mort ou la vie future selon la science" (1872); e "Bonheurs d'outre-tombe" (1892).

FLAMEL, Nicolás
Alquimista francês. Nasceu em Paris ou Pontois em 1330; morreu em Paris em 1448. Principais obras: "Explication des figures hiéroglyphiques mises par noi Nicolas Flamel, écrivain, dans le cimetière des Innocents" (1624); "Codex Germanicus" (1350); "Le trésor de philosophie e Somnaire Philosophique" (Transformation metallique).

GEBER, Abu Abdallah Jabir bu Hayyan.

Alquimista árabe do século VIII. Obras principais (atribuídas a Geber): “Summa perfectionis magisterii”; “De investigatione perfectionis”; “De inventione veritati”; “Liber formacium”; “Testamentum Geberi Regis Indiae” (De Salibus animalium, piscium, volatilium, vegetabilium, et aliorum); e “Liber de Septuaginta”.

HELVETIUS, pseudônimo de Johann Frederick Schweitzer
Médico e alquimista. Nasceu na Alemanha em 1625; morreu em Hravenhage, Holanda, en 1709. Obras principais: “De alchymica complura veterum Philosophorum” (1644); “Mors morborum; Microscopium phisyiognomiae” (1664); e “Vitulus Aureus” (1667).

LEIBNIZ, Gottfried Wilhem
Filósofo e matemático alemão. Nasceu em Leipzig em 1° de julho de 1646; morreu em Hanover em 14 de novembro de 1716. Principais obras: “De arte combinatória”; “Nova methodus docendi discendique júris”; “Confessio naturae contra theistas”; “Hipótesis physica nova”; e “Monadologia”.

LEVI, Eliphas. Pseudônimo de Alphonse Louis Constant
Hermetista francês. Nasceu em 6 de fevereiro de 1810 en Paris, morreu ali em 31 de maio de 1875. Principais obras: “Historia da Magia”; “Dogma e Ritual da Alta Magia”; “O Livro dos Esplendores”; “O Grande Arcano do Ocultismo Revelado”; “A Chaves dos Grandes Mistérios”; “Chaves Mágicas e Clavículas de Salomão”; “Paradoxos da Ciência Suprema”; “A Magia Ritual do Sanctum regnum, interpretada com os Triunfos do Taro”; e “Lenda e simbolismo”.

LULIO, Raimundo. Também conhecido como Ramón Lull o Llull
Místico e filósofo; não se deve confundi-lo com Raimundus Lillius, hermetista hebreu do século XV. Obra principal: “Ars Magna”. Foram-lhe atribuídas, sem fundamento: “Testamentum”; “Codicillos” seu “Testamentum novissimum”; e “Experimenta”.

PARACELSO. Pdeudônimo de Aureolus Theophrastrus o Philippus Theophrastus Bonbastus von Hohenheim
Médico, alquimista e hermetista, fundador da medicina experimental. Nasceu em 17 de dezembro de 1493 em Einsiedein, Suiça; morreu em 24 de setembro de 1541 em Salzburgo. Obras principais: “Opera Omnia” (Basilea, 1589; Estrasburgo 1616-1618, Genebra, 1658)

PHILIPPE, Nizier Anthelme
Hermetista francês, dedicado à cura, a quem se conheceu como Mestre Phillipe. Gozou do favor popular, e inclusive do dos soberanos da Rússia. Para suas práticas valeu-se de procedimentos necromânticos, cartomânticos, hipnóticos e outros. Nasceu em Loisieux, Saboia, em 25 de abril de 1849; morreu em 2 de agosto de 1905 em Arbresle. Não deixou obra escrita.

RAGON, Joseph Marie
Escritor francês, colecionador e estudioso de textos herméticos e maçônicos. Nasceu em 25 de fevereiro de 1781 em Bray-sur-Seine; morreu em 1862, em Paris. Principais obras: “Curso filosófico das iniciações antigas e modernas”; “A Missa e seus mistérios comparados com o mito solar dos Mistérios Antigos”;” Ortodoxia maçônica”; “Manual completo da Maçonaria de Adoção”; “História do desenvolvimento e da marcha da Grande Iniciação desde a antigüidade mais remota”; e “A Maçonaria oculta e a Iniciação hermética”.

ROCHAS, Conde Albert de
Investigador metapsíquico francês, cujos estudos sobre fenômenos hipnóticos e regressão da memória alcançaram notoriedade. Nasceu em 1837; morreu em 1914. Principias obras: “La science des philosophes et l’art des thaumaturges dans l’antiguité”; “La science dans l’antiquité, les origines de la science et ses premières applications”: “Les forces non définies, recherches historiques et

expérimentales”: “Le fluide des magnétiseurs”; “Les effluves odiques”; “Les états profonds de l’hypnose”; “Les états superficiels de l’hypnose”; “L’envoutement”; “L’extériorisation de la sensibilité”; “L’exteriorisation de la notricité”; “La levitation”; “Les sentiments, la musique et le geste”; “Les frontières de la science”; e “La suspension de la vie”.

SALMON
Cabalista francês de quem, até agora, não é possível obter antecedentes biográficos. Nasceu em 1667; morreu em 1736. Principais obras: “Le livre dês Conciles” e “Bibliotèque des philosophes chimiques”.

SPINOZA, Baruch
Filósofo holandês. Nasceu em Amsterdã em 24 de novembro de 1632; morreu ali em 21 de fevereiro de 1677. Principais obras: “De Deo et homine” (1660); “Renati Descarti principiorum philosophiae more geometrico demonstrata” (1663); “Tractatus theologico-politicus” (1670); e “Ethica” (1675).

TIFFEREAU, Théodor.
Alquimista francês. Segundo “Quem foi e Quem é no Ocultismo”, de Dalmor, apresentou memórias de suas experiências à Académie des Sciences. Entre 1860 y 1890, publicou vários livros sobre temas alquímicos, num dos quais, editado por Chacomac, de París, em 1889, relata como, depois de um longo estudo mineralógico no México e de muitas experiências, conseguiu obter traços de ouro em diversos compostos argentíferos.

VALENTINE, Basil (o Basilius Valentinus)
Filósofo e alquimista alemão do século XV. Misterioso personagem cuja identidade não resta clara até o presente. Diz-se dele que descobriu o bismuto e o antimônio, e que os textos que lhe são atribuídos correspondem a uma compilação de autores anônimos.

VAN HELMONT, François-Mercury
Alquimista belga, filho de Jean Baptiste Van Hemont. Nasceu em 1618, em Vilvorde; morreu em 1699, em Berlim. Principais obras: “Cabbalah denudata” (1677) e “Opuscula philosophica” (1699).

VAN HELMONT, Jean Baptiste
Químico, médico e filósofo belga, contrário à escolástica, descobridor do suco gástrico, a quem se atribui a invenção da palavra “gás”. Nasceu em Bruxelas, em 1577; morreu em Vilvorde, em 30 de dezembro de 1644. Principais obras: “De magnetica vulnerum naturali et legitima curatione” (1621); “Tractatus de flatibus; Doctrina inaudita” (1624); “Ortus medicinae, id est, inicia inaudita progressus novas in morborum ultione ad vital longam” (1648).

ZACHAIRE, Denis
Alquimista francês. Nasceu em 1510 em Guyena; morreu em data incerta, na Alemanha. Principais obras: “Opuscule de la philosophie naturelle dês Métaux” (Amberes, 1567) e “Autobiographie” (várias vezes editada entre 1583 e 1740).

FIM